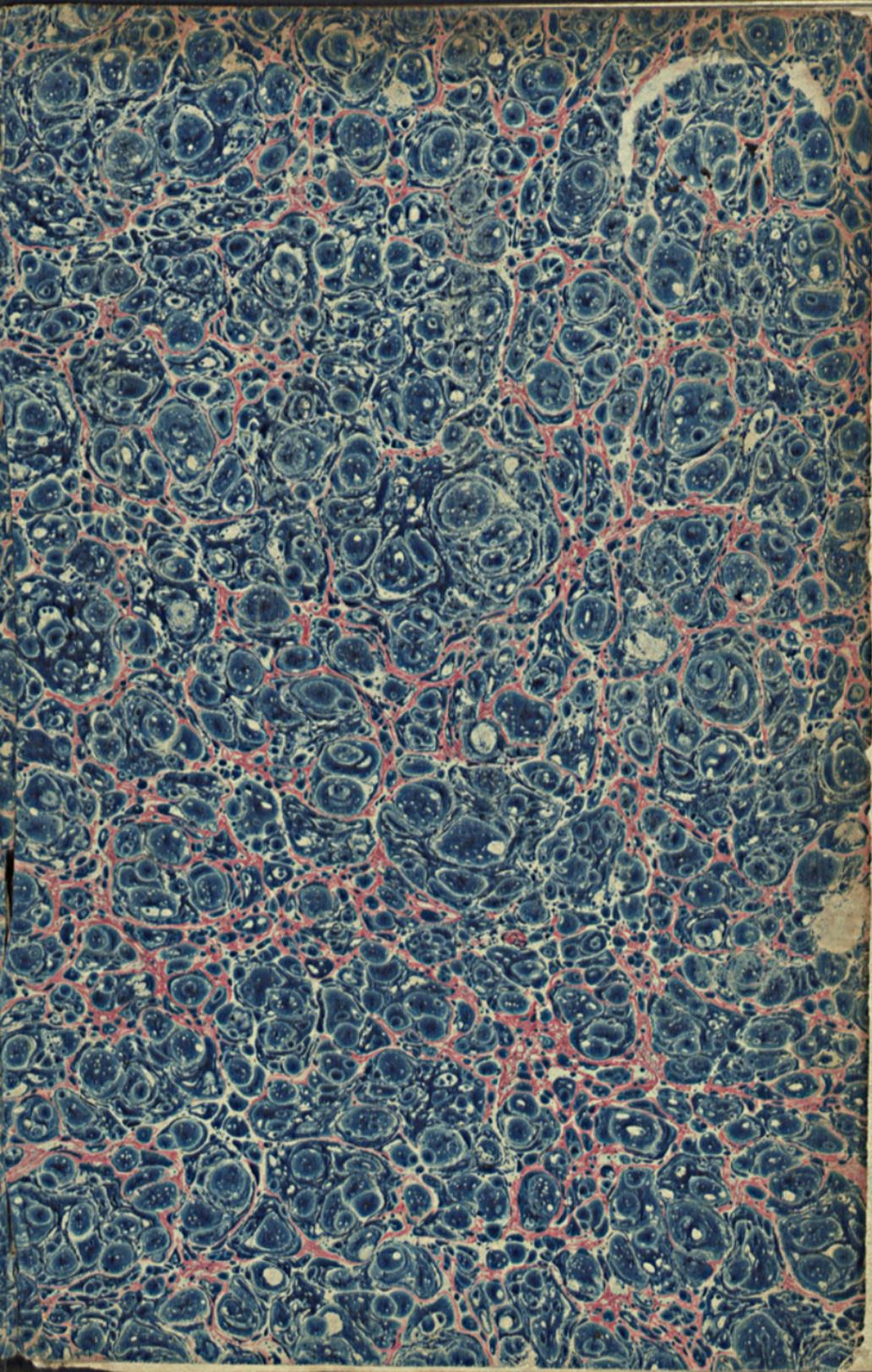


RESERVADO

342

B. N. L.





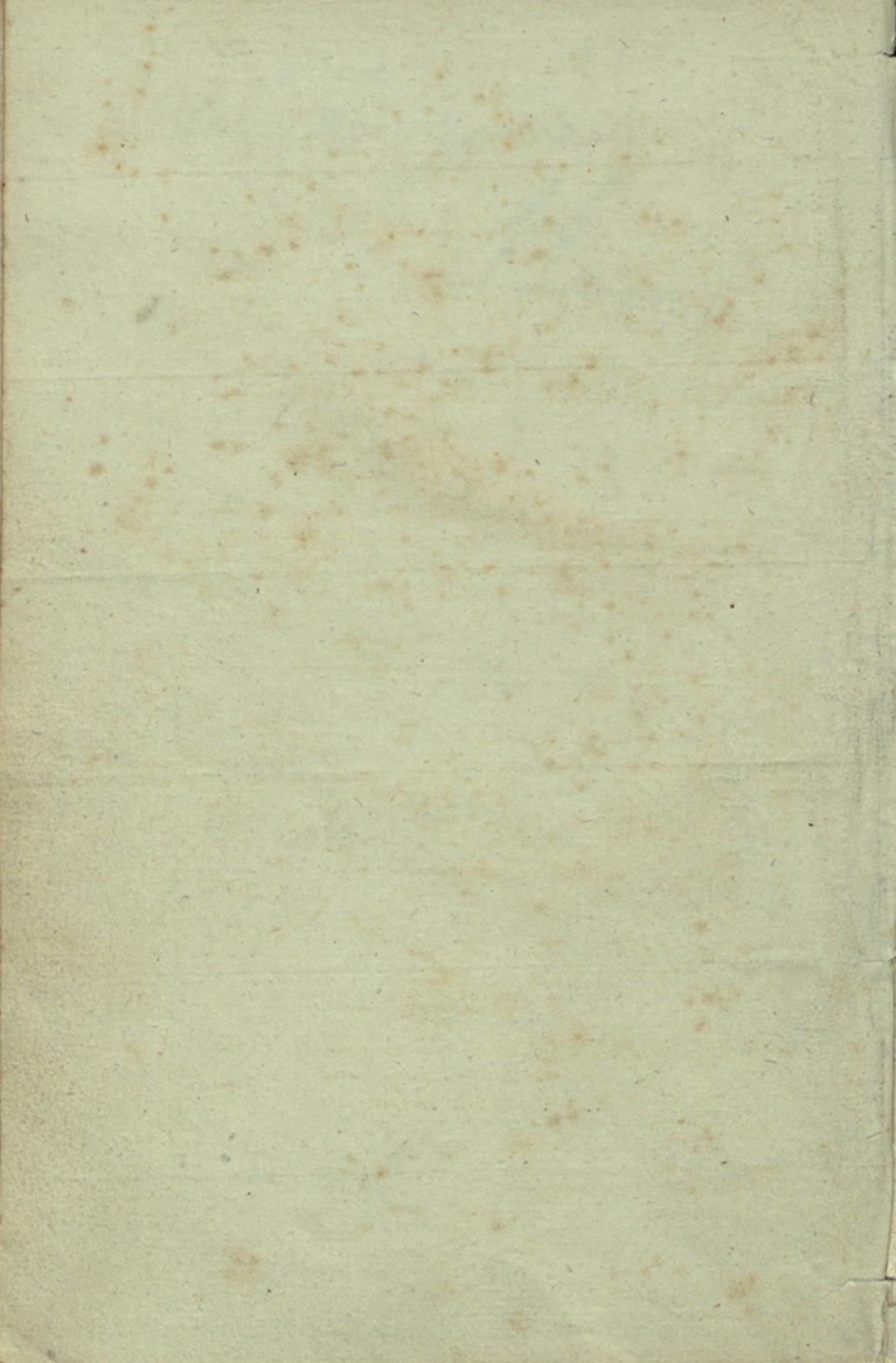
Veio dos jornaes

8

~~11~~

RES.

342 P



O  
**TOUCADOR,**  
*PERIODICO SEM POLITICA.*

DEDICADO  
A'S  
**SENHORAS PORTUGUEZAS.**

---

Ce sexe est tout pour l'homme; il soutient notre enfance,  
Il prête à nos vieux ans son active assistance.  
Fait pour aimer, pour plaire, et prompt à s'attendrir,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.

*Ducis.*

---

NUMERO I.



**LISBOA,**  
NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO II. (1822.)

*Rua Formosa N. 42.*

TOUCADOR,  
PERIODICO SEM POLITICA  
DEDICADO  
AS  
SENHORAS PORTUGUEZAS

---

Caere est tout pour l'honneur. Il souvient notre enfance,  
Il jure à nos vœux sans son active assistance,  
Kail pour aimer, pour plaindre, et prompt à s'oublier,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.

---

NUMERO I



LISBOA,  
NA IMPRESSÃO LITHEAL ANNO II (1842)

Das Formosa N. 48

O  
TOUCADOR,

PERIODICO SEM POLITICA.

FEVEREIRO ANNO II. (1822.)

INTRODUCCÃO.

**I**ntroduccão! Para que?—Porque sempre foi uso, e costume.—Pois não bastava o *prospecto*?—Assim é; mas no *prospecto* esquecerão cousas, que é necessario advertir; e uma por exemplo, foi a justificação do titulo. Esta folha, e os seus redactores, tendo-se votado exclusivamente aos interêsses, e instrucção do bello-sexo, tendo-lhe consagrado o primeiro, e unico logar em seus trabalhos; era forçoso que fosse baptisada com um nome tal, que designasse o seu fim, e symbolisasse as suas tenções.

Hoje, que a mania de escrever é tão geral, e a de escrever jornaes generalissima, é já cousa bem difficil achar um titulo vago para dar a uma folha. Quando o padre Amaro em Janeiro de 1820 se queixava desta escassez, que fará agora? Felizmente, como nos não démos ás sublimes tarefas de *politicar*, e *despoliticar*; ainda encontrámos um titulo.

Não queremos porém persuadir ao público, que a descoberta da *palavra* foi obra do nosso ingenho, ou trabalho. Um venturoso acaso a arranjou; e este acaso foi o seguinte. Em grande apêrto se achavão os

redactores d'este periodico sobre a escolha de nome; quando um d'elles, indo visitar uma senhora do seu conhecimento; a encontrou no seu toucador. Estava a bella (advirta-se que era bella) no principio da sua *toilette*, e ainda em melo *deshabile*; (bom proveito do senhor redactor!) e em quanto se toucava, foi, como é de costume, perguntando as *novidades*.

(E' de advertir que a senhora é de muito espirito, e que não erão as novidades politicas, as que ella perguntava.)— Não li ainda hoje as folhas: respondeu o sujeito.— Nem das folhas as quero eu.— Então de que, minha senhora?— Ora de que? As *interessantes*, as da sociedade, do tom, das modas etc.— Infelizmente em Lisboa não se sabe disso; nem temos jornaes de modas, nem diarios da *Chronica secreta* e provavelmente nunca os teremos: pois é tal nossa desgraça, que uma sociedade, que ja se achava arranjada para este fim, vai dissolver-se, por lhe faltar o mais importante para o periodico.— Então o que?— O titulo para elle, que hão ha descubri-lo.— O titulo? Essa é boa! Ora deixe-me pensar.... Olhe; alli o tem: o toucador. E' quando as senhoras mais cuidão de seus importantes negocios, onde mais se esmerão em seus cuidados, onde....— Basta, minha senhora; ja temos titulo, e teremos periodico. O *toucador*. Que grande ideia! O *toucador*! Assim se passou o caso: o sujeito deu parte aos seus amigos da descoberta da madama; progrediu a sociedade; mettêrão todos a mão á obra; e ahi saí o fructo de suas importantes fadigas, e sublimes cuidados.

---

#### MODAS.

Só nossos primeiros pais andarão perfeitamente nus. E nem isso foi sempre; porque de certo tempo por diante cubrirão-se com folhas d'arvores.— Muito economica era esta moda, não só pela facilidade de

se prover de vestido, mas pela promptidão em mudar d'elle, apenas variasse o gôsto. Infelizmente não pegou. Veio o inverno; secarão as arvores, cahirão as folhas; e foi-se a moda. Voltarão-se ás pennas das aves, e ás pelles dos animaes. Esta durou mais; e ainda hoje voga; a das pelles para o Norte, e a das pennas para o Sul. (\*)

Começou porém a civilisação; e com ella o descejo de tornar agradável, e commodo, o que até alli não fôra senão necessario. Os povos do meio-dia (por onde ella principiou) debaixo d'uma zona temperada, não podião supportar nem o excessivo abafado das pelles, nem a extrema ligeireza das pennas. Principiarão a usar-se generos mais accomodados, e susceptiveis de bellas, e engraçadas fórmãs,

Houve pessoas, que se distinguirão na invenção dellas; e eis-aqui a origem das *modistas*. Houve nações, cujo gôsto particular se avantajou neste ponto: os outros povos os imitirão; e tal foi a origem das modas estrangeiras. Em Roma deu-se tanto pêsso, e valor, a este importante objecto: que houve no tempo de Heliogabalo um senado de damas, que legislava sobre as modas. Que digno não fôra de imitar-se um tão nobre exemplo! Que respeitavel não seria, ver um congresso de senhoras bellas, e espirituosas, decidindo com magestade suprema sobre o airoso d'um vestido, sobre o elegante d'um toucado! E dizemos nós que somos civilisados! Atrevemo-nos a comparar-nos com as nações antigas, faltando-nos um estabelecimento desta importancia!

Mas emfim, os antigos sempre forão outra gente. Vierão depois dos Romanos os seculos barbaros; e

---

(\*) Como não tem chegado ultimamente figurinos da Siberia, nem do Perú, não podemos ter a satisfação de dar a ideia do ultimo tom dos enfeites de urso, e papagaio. Esperamos que os nossos correspondentes naquelles paizes, sejam daqui em diante mais exactos.

finalmente chegou a cavalleria andante, que pôz outra vez as cousas no seu logar, e restituiu ao bello-sexo os seus direitos, e honras. Começãõ as damas a exercer a sua authoridade sobre as modas; e as modas a ser de novo a primeira occupaçaõ dos homens de gôsto, e das senhoras de espirito.

A natural delicadeza, e tacto fino dos Francezes os fez distinguir-se muito neste genero sublime das descubertas humanas; e supposto os Italianos, e Hespanhoes algumas vezes os rivalizassem; elles os exceederãõ a final, e tam victoriosamente triumpharãõ, que todas as nações da Europa se reconhecerãõ, e confessarãõ vencidas, e receberãõ com prazer as leis dos seus amaveis, e ingenhosos vencedores, ou vencedoras.

Alguns annos a esta parte, os Inglezes, que em tudo se querem metter, presumirão de arrancar aos Francezes o sceptro da moda, ou pelo menos rivalisa-lo em poder. Toda a Europa desatou ás gargalhadas, quando viu as bonecas Inglezas com seus *desorgados* corpos, extensissimos *peses*, e desconchavados *joanetes*, mettidas a legisladoras de enfeites, e a reguladoras de adornos. E a não ser em Portugal, onde huma feliz *protecção* nos ia pouco a pouco *britanizando*, e em breve *inglezaria* de todo; em parte nenhuma pegarãõ devéras as *mugigangas* de Bond-Street. Felizmente passou essa mania; e tornou entre nós a reconhecer-se a casa reinante *du Palais Royal*.

São pois as modas Francezas as que nos hão-de occupar; suas elegantes invenções, espirituosos rufos, delicadas guarnições, ingenhosos toucados, e *acatitados* chapeos, as que examinaremos constantemente, e cuja descripção daremos em os nossos numeros. Igualmente apresentaremos o maior, ou menor grãu de voga, que tem esta, ou aquella em Lisboa.

### ULTIMAS MODAS DE PARIZ.

Deshabillé du matin. — *Robe d'indienne* com dragonas nos hombros, e apanhados nas mangas: chinellas

à turca; touca de batiste com fitas amarelas.

Passeio *du matin*. — *Robe de percale* guarnecida de rufos de mousseline; manta de *bareges-cachemire*; chapéo de palha ornado d'um veo de gaze em festões, e bordado de seda.

Passeio de *l'apres dinée*. *Robe de bareges* com mangas de escomilha; chapéo de palha d'Italia com plumas.

### USO DE LISBOA.

Não estão ainda perfeitamente em voga estes elegantes enfeites. E o uso do merinó é o mais geral. E' porém d'esperar que as senhoras da capital comecem cedo a adopta-las; e a generalisar-se por este meio nas provincias. — Os enfeites de azul, e branco, hoje muito usados, começam um pouco a decahir da moda. Como este uso teve um principio muito conhecido, trataremos d'elle com especialidade no número seguinte.

---

### NAMORO.

Esta palavra tam doce em todas as linguas, mas tam vaga na sua significação em todas ellas, é bem difficil de desenvolver, e muito mais difficil determinar a sua ideia.

Por um suave, natural instincto,

    Attração feiticieira

Nos conduz, nos arrasta a natureza

    A tam gostosa empresa;

    E a occupação fagueira,

Se uma vez a doçura lhe provamos,

Jamais por força alguma abandonamos.

Mas isto é só instincto; é um poder irresistivel

que nos impele; e que sem conhecermos a sua theoria, e principio motor, nos força á pratica, e nos leva por um caminho de flores, sem sabermos que mão as espalhou, sem conhecermos que estrada seguimos, a que Norte levamos o rumo.

Todo o vivente namora por instincto, todo o vivente namora por necessidade de sua natureza; porque todo o vivente tem necessidade de amar e o namôro é a expressão do amor. —

Eis-ahi revelado o grande segredo, e descoberto o escondido misterio! Eis-ahi determinada a ideia de namôro; e (mais alguma cousa) uma definição e exacta delle. — Assim parece ao primeiro olhar. Mas que enganosa é tal apparencia, e quam pouco exacta a definição!

Se em verso se fallasse a verdade, se os poetas tivessem fé púbrica, teriamos pelo menos uma epocha da historia do mundo, em que pudesse caber aquelle juizo.

Da bella idade d'ouro  
Aos tempos envejados —  
Exemplos bem notados  
Iriamos buscar,  
As bellas, e rapazes  
Veriamos constantes  
Sómente quando amantes  
Ingenuos namorar.

Mas infelizmente poeta, e propheta são synonimos; tanto mente um, como o outro; e nós ficamos sem idade d'ouro, e por consequencia sem uma ideia exacta, sem uma definição verdadeira da palavra namôro. Namora-se hoje sem amor, (e ha muitos annos que assim succede, não é só d'hoje) namora-se com amor; namora-se para ter amor; namora-se para fingir amor; namora-se por amor da moda; namora-se por amor de deus; namora-se por... por tudo quanto ha neste mundo. Logo não é o namôro a ex-

pressão do amor. Assim é. — E dahi? — E dahi; hei-de parar com o meu artigo? Oh! que não. Por ventura é forçoso saber d'uma cousa para escrever sobre ella? Se assim fosse, bem pouca gente escreveria. Não senhor, não paro. Vou escrevendo o que me lembrar, seja o que lôr; se me dizem que não tem pés, nem cabeça, que senão entende, chamo-lhe periodico, memoria d'academia, ou cousa semelhante, e fica tudo salvo.

Em todas as sciencias, e artes, (e o namôro é ambas as cousas) é de grande auxilio, e até de necessidade a sua historia, para entrar bem em suas profundidades, e natureza. E que nos importa agora como namoravão os Egypcios, Gregos, Romanos etc.? — Mais do que parece,

De antigos usos, de estrangeiras modas

Muito podeis colher, sexo formoso:

E ao systema ingenhoso

De tactica sublime do namôro

Novas fórmãs juntando,

As velhas emendando.

Variar a marcha d'arte já sabida,

Augmentar o prazer, dobrar-lhe a vida.

E até, que bonita cousa não será estabelecer diferentes especies com seus nomes particulares? A senhora D. fulana nomora á Egypcia; a senhora D. sicrana á Grega, Julia á Romana; Emilia á Persa; Amalia á Turca, Alcina á Russa, etc. etc. Parece-me luminosa esta ideia; seria mais um chiste para o tom— mais um feitiço para o namôro, e entretenimento para a conversa. Que lindas questõesinhas senão levantarião sobre, se a senhora D. fulana namora á Ingleza, ou a Franceza? Se fulano deixou a sua bella por não gostar do namôro Russo, e a menina não saber d'outro? Se D. fulana perdeu o amante por não querer ceder do namôro Sueco, e o rapaz quezilar declaradamente com tudo quan-

to não é á Grêga?

A proposito disto, não serão duas especies bem engraçadas, e frizantes namôros *liberaes*, e *corcundas*? — Chamo a attenção do bello-sexo, e dos rapazes de gosto classico na materia, sobre esta indicação. —

Será uma nomenclatura, que evitará confusões, e produzirá um systema de ordem, e clareza bem necessario em tam vasta, e complicada sciencia.

Oh! que o namôro, que primeiro apanho,

Hade ser á Tapuia, ou Tupinamba.

Morro pela franqueza,

Com que a mãe natureza

Ensina a namorar nas terras quentes,

Gentil delicadeza,

Enganos innocentes,

Feitiços, e travessuras á Franceza

Não tem inda chegado

Ao paiz del Dorado.

Mas que outras novas graças mais singellas

De exemplo de traslado

(\*) Não poterão servir ás nossas bellas?

(Continuar-se-ha.)

### BAILES.

Sendo os bailes objecto de summo interêsse e, utilidade, trataremos mui particularmente de sua noticia, uso e fim; suas classes, apperfeiçãoamento, e importante significação de suas especies; assim como daremos huma idêia succinta de sua historia philosophica. — Teremos sempre em vista o triste resultado, que os nossos trabalhos terião, se lhe não dessemos aquella importancia, que imperiosamente exige tam sublime

(\*) Recommenda-se ás pessoas, que lerem o artigo acima, se quizerem entender estes versos, leião nos Romances de Voltaire, o Optimismo.

objecto. Olharemos para a dança no character que lhe compete como divertimento profano; lembrando porém, que as danças sagradas são as mais antigas de todas, e origem, aonde se bebêrão os principios de todas as outras.

Os Judeos as praticavão nas suas festas sollemnes. Os Egypcios, Gregos e Romanos, instituirão em honra dos seus deuses as danças semelhantes as que se usavão na primitiva igreja.

Os nossos fins são verdadeiramente bons, e neste ponto de vista as senhoras Portuguezas deverão olhar os nossos trabalhos, para delles tirar aquelle partido instructivo, que necessariamente devem produzir nossos escriptos, como os primeiros deste genero em nossa lingua, e analogos ás ideias do presente seculo. Estamos finalmente decididos: e muito pouco sentiremos se as nossas tentativas, forem ou não coroadas do bom exito.

Algumas pessoas escrupulosas dirão; que deveriamos tratar igualmente dos principios elementares de dança: dir-lhe-hemos, que os ommittimos, deixando esse cuidado aos mestres, sobre o que muito ha escripto, e tratando unicamente, e com escrupulo da noticia, e origem das danças, e sua differente applicação aos usos da vida, com particularidade áquelles, que o bello-sexo com esmêro deve estudar. Quero dizer, dança politica administrativa, e sua applicação ao namôro como verdadeira expressão do amor.

Dança (\*) é a arte de mover o corpo em cadencia ao som de instrumentos, ou da voz. —

Assim como a voz exprime sons de prazer, e dor, de colera, e ternura, de afflicção, e alegria; do mesmo modo a physionomia, e o corpo expressão pelos differentes gestos aquelles affectos. Em consequencia

---

(\*) Em Alemão = dantz = em Arabe = tanza = em Italianno = danza = em Hespanhol = dança = em Inglez = dance = e em Francez = danse =

do que, a esta expressão se dá o nome de dança, ou arte dos gestos. (\*)

Os homens, que ao principio se servirão da dança no culto de seus deuses, vierão a emprega-la depois em seus prazeres; e pouco a pouco a introduzirão no theatro. — Os Gregos forão os primeiros, que a sugertão a certas leis. Uma exposição clara, e precisa, offerecendo sempre a ideia da acção, que representa, um entreccho ingenhoso suspenso sem defeito, e com arte; tal foi a perfeição, a que a levárão em bem pouco tempo. Logo que os Romanos principiárão a tomar gôsto pelas artes, os dançarinos da Grecia concorrerão todos a Roma. Pylades, e Batylo, os dois homens mais raros neste genero, desenvolverão o seu admiravel talento no tempo d'Augusto. O primeiro inventou os bailes ternos, decentes, e patheticos; o segundo dedicou-se ás composições epeugicas, jocosarias, e ligeiras.

Memphir dançarino, e philosopho pythagorico, exprimia por sua dança, toda a excellencia da philosophia de Pythagoras, e com tanta fôrça, elegancia, e energia, que jamais o poderia fazer tão exactamente qualquer dos mais abalisados em sua seita.

A dança chegando entre os Gregos, e Romanos, ao seu mais alto grau de perfeição, teve a sorte de todas as artes; desapareceu pela invasão dos barbaros. Porém depois de alguns seculos, a voz de um Medicis a chama. A festa dada em Galeas a Toutoni duque de Millão, e a sua esposa por Bergonce de Batta, dá ideias das cavalhadas, das óperas, e dos baillos magicos.

Tendo a morte tragica de Henrique 2.º feito perder em França o gôsto dos torneios; as danças, as mascaradas, os bajles, forão o unico recurso da alegria Franceza.

A dança ainda estava no seu berço quando se esta-

---

(\*) Os Romanos chamavão esta arte — arte mimica. — Talvez dahí nos vem por corrupção pantomima.

belezen a ópera. Quinault fundou um novo theatro, e quiz fallar ao ouvido pelos sons modulados da voz, bem como á vista pelos passos, e movimentos compassados.—

Hoje porém a dança entre nós tem chegado ao seu maior grau de perfeição; de sorte que não faz lembrar o tempo de Quinault; e o que os Romanos virão fazer a Pylades, e a Batylo é hoje executado pelos nossos dançarinos.—

Sendo a dança a arte de mover o corpo em cadencia; segue-se que para seu bom desempenho são necessarios: 1. uma boa figura, e delicado talhe; 2. um bom ouvido, e gosto de musica para empregar os passos a tempo, e com graça. Assim a simplicidade d'um jassé, e singeleza d'uma *cadeia*, a destreza d'um *tricksat* serão pela elegancia da execução dobradamente bellas, e interessantes.

Estas duas qualidades são sem questão as primeiras, e essenciaes; mas o seu effeito será nenhum, se a maior de todas as bellezas as não acompanha.

A naturalidade, simples adorno de todas as artes, se em alguma se póde dizer, que faltando, lhe faltará tudo; por sem dúvida tenho que é a dança. A quem poderá deixar de excitar riso ver uma dama, ou um cavalheiro cujos movimentos forçados, todos de artificio, em perpétua guerra com o compasso, e completa dissonancia com a harmonia, parecem *manequins* dançantes, ou saltadores bonecos?

Como ha quem se atreva, sem ter nenhuma das qualidades apontadas a dançar nas grandes assembleias e bailes publicos?

De certo não exigimos que em qualquer dança se empreguem todos os principios, e passos mestres. Esse methodo reprovamos nós. Todo aquelle, que n'uma assembleia deseja passar por *dançarino*, não póde na boa opinião merecer grande conceito. Mas o que, junta a um ar elegante simplicidade dos passos, e a delicadeza dos movimentos; decerto deve ser julgado um cavalheiro interessante; e pedimos ás senhoras do *tom* os

premieiem como devem, fazendo delles honrosa menção.

Pullar, e dançar são cousas bem differentes. Se os passos discordão da musica; se a harmonia delles não é a mesma das notas; se os movimentos cadenciados não exprimem, ora com vivêza e energia um sentimento forte; ora com languidez, e doçura uma ideia suave e deleitosa; a dança é nulla, o seu fim baldado, e seus meios pessimamente dirigidos.

(continuar-se-ha.)

---

VARIÉDADES.

## A SESTA,

## CANTATA

*Non è manca d'amor altro che amore,*

Guarini, Pastor fidco.

D'um sereno ribeiro ás frescas margens  
 Bordadas de boninas  
 Na mão nevada repousando a face,  
 Dormia socegada a bella Armia.  
 Ella dormia; e Zephyro ligeiro  
 Tímido, e respeitoso  
 Nem mesmo ousava sussurrar-lh'em tórno.  
 Mais placida corria a debil onda,  
 E o plumoso cantor nem murmurava.  
 O sol, que no Zenith  
 Vibrava raios na mais alta esphera,  
 Parecia affastar-lhe ao longe a calma.  
 Espesso freixo. que rodeão myrtos,  
 Longe estendia a cúpula frondosa,  
 E vaidoso do abrigo, que prestava,  
 De namorado requebrava os ramos.  
 Aos pés da nynpha a medo se beijávão,  
 Quasi affogando o gôzo,  
 Sem lascivo arrulhar meigas pombinhas.  
 Mal lhe cubria os membros delicados  
 Pouco avaro sendal, candido, e fino.

Via-se a perna resvalando a furto  
 De pulido marfim, que d'alvo cega?  
 Via-se a fôrma do elegante corpo,  
 E o delicado seio,  
 Suave palpitando

Em doce, voluptuoso movimento.  
 Dos labios entreabertos lhe spirava  
 Mais divino perfume, que ambrosia.  
 Pouco restava ao soffrego dezejo  
 Debil imaginar d'almos thesouros.  
 Julguei da equorea Chypre nas florestas  
 Ver a meiga Erycina de cançada  
 Por Adonis chamar, que adormecêra.  
 Manso, e manso approximo, em cada passo,  
 Confuso, arrebatado

Julgando cometer hum sacrilegio.  
 Affasto a medo os ramos envejados;  
 Armia reconheço, Armia, a ingrata,  
 Que ha muito me fugia: corro a ella;  
 Comêço a lhe bejar as roseas faces;  
 Bejo-lhe as nivas mãos, e os garços olhos;  
 Nas veias me pullúla ardor celeste:

Osculo ardente  
 Do brando seio  
 Já sem receio  
 Lhe ouso roubar.

Prazer celeste  
 Lhe entr'abre os lúmes,  
 E mil queixumes  
 Ia a formar.

Vou applaca-la...  
 Balbuciamos...  
 E ambos ficamos  
 Sem respirar.

O  
TOUCADOR,  
PERIODICO SEM POLITICA.

DEDICADO  
A'S  
SENHORAS PORTUGUEZAS.

---

Ce sexe est tout pour l'homme; il soutient notre enfance,  
Il prête à nos vieux ans son active assistance.  
Fait pour aimer, pour plaire, et prompt à s'attendrir,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.

*Ducis.*

---

NUMERO II.



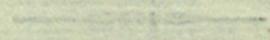
LISBOA,  
NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO II. (1822.)

*Rua Formosa N. 42.*

TOUCADOR  
 PERIÓDICO SEM FORTUNA  
 DEDICADO  
 SENHORAS PORTUGUEZAS

Illegible text block, possibly a preface or introductory note.

NUMERO II



LEBRO A  
 NA FORTUNA ANO II (1811)  
 Rio de Janeiro

O  
TOUCADOR,

*PERIODICO SEM POLITICA.*

FEVEREIRO ANNO II. (1822.)

MODAS.

**D**e todas as invenções humanas, com que o nosso espirito se póde honrar, a que mais o accredita sem dúvida, a mais espirituosa, e brilhante, são as modas. Variar a todos os momentos, e com graça, em uma cousa, que parece tam simplez, como é o vestido, é sem questão ingenhosissima cousa. Apperfeioar-se cada vez mais na elegancia dos adornos, na simplicidade delles no airoso dos enfeites, no esbelto dos talhes, no matizado das côres, e no gôsto delicado em tudo; isso estava reservado ao nosso seculo. Mui antigo é o uso da moda; mas a sua perfeição é d'hoje, é dos nossos dias.

Um princípio qualquer, uma causa determinada tem sempre a voga desta, ou daquella moda. As cinturas curtas devêrão-se ao mal talhado dos corpos Inglezes, e á necessidade, que tinham as senhoras desta nação de emendar o defeito da natureza. O airoso talhe Francez produziu as cinturas compridas, que deixando mais descobertas as proporções do corpo, fazem mais sensivel sua belleza, e elegancia.

O que se diz, a respeito de cinturas, é igualmente certo em tudo o mais. Os chapéus á Bolivar, os enfeites á constituição, e mil outras cousas o provão.... Agora me lembra. E é verdade que ja nos esquecia uma promessa feita no número passado de tratar neste dos enfeites de azul, e branco. Ainda é tempo: vou cumprir a nossa palavra.

Desterrada por um decreto dentre as côres nacionaes a vermelha; occupou o azul, e branco o solio da moda, porque havia obtido a superioridade politica. Chapéus, e tocados, lenços, e vestidos, tudo se adornou da côr nacional; e as damas Portuguezas (que a nenhuma cedem em *patriotismo*) augmentarão com seu exemplo o enthusiasmo nacional. Apesar de que aberreço lisonjas, e sei mui pouco dizer finezas; (e bem cara que tenho paga a minha ignorancia!) não posso deixar de dar neste logar os *decidos applausos* ás senhoras da capital, que tanto se distinguirão por seu ardente amor da *causa*.

Disse eu no passado n.º que este uso começava a cahir de voga. Assim é sem dúvida, e cada vez decai mais. — Não é facil assignar a causa disto; muitas conjecturas tenho ouvido fazer a este respeito; bastantes tenho feito eu; mas nenhuma me satisfaz. Querem alguns que a côr escarlate irritada por sua *desnaturalisação*, fizera *clubs* secretos com algumas senhoras de sua paixão (que não são poucas, e procurára solapadamente arruinar as suas rivaes. Verdade é que muito voga ultimamente o incarnado, e que muitas damas consultando mal o seu espelho usão demaziado desta côr, que sem dúvida a bem poucas fica bem. Não me posso porêr persuadir da certeza de tam sonhada conjectura; e julgo devê-la remetter para o paiz das fabulas, e *alegorias*, donde veio.

(Continuar-se-ha.)

## ULTIMAS MODAS DE PARIZ.

Em o nosso ultimo número demos noticia das ultimas modas de Pariz; temos a accressentar ao que então dissemos, que alli vogão os mesmos *rufos*, *chinelles*, *toucados*, e *chapeus*. Os appanhados porêem principião a decahir do gôsto; tendo-os substituido os refolhos *Gregos* e *Chinezes*, que na boa opinião deverão ter igual estima. O gôsto das grandes fittas na cintura, acompanhando o comprimento do vestido, tem o maior sequito; assim como os *peitinhos* de *pregas* de *gaze*. A côr das fittas é a nacional na capital; nas provincias principia a usar-se a *tri-color*.

## USO DE LISBOA.

Os touquins incarnados, e côr de laranja são mui usados em grande cerimonia; os merinós das mesmas côres em menos cerimonia. Filós lisos, e pelles *partout*.

---

## BAILES.

*Dança politica*, e *administrativa* = Dissemos nós no passado número. — *Dança politica administrativa* ! = Exclamaria alguem: que quer dizer semelhante cousa, e como poderá entender-se tal denominação?

Esperavamos esta reflexão; e vamos responder-lhe. Quem lêsse este artigo, e olhasse superficial-

mente para o seu enunciado, diria com razão. E até onde pôde chegar a loucura humana. Dar á dança attribuições politicas, e administrativas! Provaremos, que não ha erro em tal expressão, que mui de propósito assim foi escripta.

A dança é uma arte. Tem regras, e preceitos determinados, porque se dirige: logo tem um fim. Mas este fim varia segundo a applicação de seus meios ás pertenções, que devem occupar o bello-sexo, ou de que o bello-sexo é objecto. Ora pergunto agora. Não será necessaria *politica*, não será perciza uma esculpologica *administração* para obter este resultado, e conseguir aquelle fim?

Se tudo isto não fosse verdade, se a dança não fosse mais que um simples divertimento, vazio de fins, e desprovido de meios; que fructo se poderia tirar de uma tam util, quanto vantajosa invenção? Ella seria baldada, e esta maravilhosa descoberta humana, não poderia chegar jamais, senão a uma perfeição apparente. E eu votaria que ella fosse proscripta da grande lista dos divertimentos interessantes, pois se limitaria então, á insipidez de meros saltos, contrafeitos, e insipidos pullos.

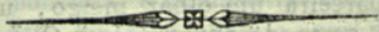
São tam exactas estas asserções, quanto é facilimo provar, que a dança desde o seu principio teve sempre por objecto, exprimir os diversos sentimentos a que era applicada. E' certo que nos nossos *bailes* e assembleias, diversificação muito (em quanto ao fim) da prática dos antigos. Os Egypcios, Gregos, e Romanos, se servirão della para tornar sensiveis os mysterios de sua religião, celebrar as proezas de seus heroes; mas a expressão de sentimento pathetico d'uma paixão terna, ou violenta, não foi desconhecida ao emprêgo desta bella-arte entre elles.

Se este foi muitas vezes o fim da dança entre os antigos; entre nós, e nas nossas assembleias é o unico. A expressão dos sentimentos ternos, e amorosos é o seu empenho. E perguntarei agora: o cavalheiro, a quem se entrega uma interessante *bella* para com elle

dançar, deve, ou não empregar a mais  *fina politica*, e  *rigorosa administração de meios*, e  *methodo* para alcançar da sua parceira um olhar meigo, um agradável sorriso, um gesto de approvação? O que desairosamente pegar na mão da sua parceira, que desengradadamente a conduzir n'um =  *jassé*, = sem empregar delicados passos, sem o elegante ar, que deve acompanharha-los, não terá por ventura a justa recompensa, que merece? Não será aborrecido, e  *enfastiado* pelas bellas? Que triste figura não fará elle depois em qualquer baile, quando não achar uma senhora com quem dance! Que semsaboria não é pedir a uma dama = V. Ex.<sup>a</sup> V. S.<sup>a</sup> dança? = Ja tenho par = E esta simplez resposta ditta com certo ar de indifferença não deve ser para todo o rapaz de  *tom* um golpe terrivel?

E que transtôrno, e desarranjo não produz um cavalheiro desta ordem na sociedade? Quantas bellas deixão de dançar para affectar a verdade daquella resposta! E quanto não é sensivel para uma senhora, e perdido para a sociedade, o deixar de dançar uma noute inteira!!!

(Continuar-se-ha.)


 THEATRO.

Dai-nos pão, e espectaculos: clamavão os Romanos; e as nossas bellas, que em sentimentos não cedem aos conquistadores do mundo, nada prezão tanto, depois dos seus enfeites, como são os espectaculos. Apoz ellas vai o povo, e tambem quem não é povo; e uma boa parte, só porque ellas vão. De todos os divertimentos publicos porêm, o mais preferivel, e de facto mais preferido é o do theatro.

Alli se juntão as bellas-artes para ostentarem á porfia todo o seu podêr; alli encontrão os homens de todas as classes, e de todas as idades com o que os lisongeia. A expressão da arte declamatoria, as sonoras modulações da poesia, e da musica, a illusão das perspectivas, a riqueza das decorações, tudo se reune para por algumas horas alliviar o homem do pêzo da vida. O estadista, o principe, o magistrado, o guerreiro, o pae de famillias vem desenvolver-se as causas, e as consequencias de successos bem semelhantes aos porque elles tem passado. A mocidade sempre entusiasta abre seu coração aos elevados sentimentos d'um heroismo, e d'um amor, digno do *bom tempo antigo*; doces recordações do passado vem ainda entretter a idade madura: e a infancia mesmo vê com todos os presentimentos da esperança subir o panno, que vai patentear-lhe nunca vistos portentos. E vós, sexo encantador, vós deparais no theatro com a parte mais brilhante de vossos adoradores; vós ostentais ahi, ou na scena, ou fóra della, todo o magico podêr de vossos attractivos.

Esta a face porque olhâmos para o theatro; e por-

que o julgámos um dos objectos mais interessantes, que temos a tratar.

Não somos frios moralistas, para provarmos aos catoões do nosso tempo a sua utilidade; nem » a politica, e as altas sciencias entrão no nosso plano; » para darmos conselhos sobre a direcção politica, que se póde, e deve dar a este interessante divertimento.

Estamos persuadidos, que o melhor methodo de tratar o assumpto é unir a parte historica, e a critica. Como porém um periodico deve conter a historia do seu tempo, serão as obras dramaticas de nosso tempo que ficarão sujeitas á nossa critica. Entre tanto daremos um brevissimo esboço da historia do theatro até aos nossos dias.

O amor do maravilhoso, e o desejo de gravar na memoria da posteridade algum acontecimento extraordinario foi, por ventura, o que deu principio aos primeiros ensaios dramaticos — As primeiras peças, de que temos noticias, assim entre os Gregos, como depois do renascimento das letras entre nós, são de assumptos religiosos.

As nações barbaras, e selvagens tem danças entresachadas de canticos, que são um arremêdo das suas batalhas, e uma recordação d'algum feito d'armas mais notavel. Tudo isto vem em soccorro da nossa conjectura.

Desgraçadamente não sabemos Grego, nem somos antiquarios; e por consequencia não prdêmos dizer com a certeza; que se requer em negocio de tanto momento, se com effeito a palavra *tragedia* se deriva do vocabulo Grego, que designa o animal libidinoso, que se sacrificava a Baccho; nem tam pouco fazer uma descripção miuda, e circunstanciada das carrêtas de Thespis.

(Continuar-se-ha.)

que o julgamos um dos objectos mais interessantes  
que temos a tratar.  
NÃO somos frios moralistas, para provirmos nos ca-  
ções do nosso tempo a uma reforma; nem a politica,  
e as altas sciencias entrão no nosso plano; «para dar-  
mos conselhos sobre a direcção politica, que se pôde,  
e deve dar a este interesse diversissimo.  
Estamos persuadidos, que o melhor methodo de trat-

### NAMORO.

tar o assumpto é unir a parte historica, e a critica.  
Como portar, um historico, deve conter a historia do  
seu tempo, e as obras dramaticas de nosso tem-  
po.  
Qualquer que seja a definição, que se dê de namôro; o que é certissimo é que, desde que o mundo é mundo, sempre houve quem namorasse. Os usos, e costumes dos differentes povos, a sua civilização, luzes, e mesmo os differentes climas tem sem dúvida influido muito em seu systema, e methodo. Esta é a parte historica de tam interessante assumpto.

De Lisboa a Pekim, do Cairo a Roma

E' d'uns olhos gentis o imperio o mesmo.

O sceptro da belleza

Por toda a redondeza

Se estende aos corações, governa os peitos

E os pulsos mais briosos

Com tam subtis grillhões contem sugestos;

Que arrastando-os sem ve-los

Livres se cuidão, e se crem ditosos.

E' sem questão este principio geral da soberania do bello-sexo universalmente estabelecida. A fórma porêm de govêrno é diversa, e mui variada; mais despotica em umas partes, mais liberal em outras; mas constantemente reconhecida.

Na historia do mundo conhecido, os povos mais antigos de que temos noticia, são os Egypcios, e Chinas. As poucas ideias, que daquelles temos, são nos transmittidas por escriptores antiquissimos, e por

algumas conjecturas de modernissimos viajantes. Dos ultimos mais alguma cousa sabemos por observações recentes.

Mas apezar de que são bastante vagas as nações d'uns, ed'outros; são com tudo suficientes para del-las podermos tirar sobejas provas do que asseveramos.

A philosophia secreta, e sciencia symbolica dos Egipcios mui semelhante da dos Chins influiu muito sobre os costumes destes dous povos: Os sacerdotes n'uns; e os mandarins letrados d'outros, reservando para si o monopolio dos conhecimentos, e dirigindo por este meio a multidão ignorante, lhes fizeram acreditar quanto a seus proprios interesses convinha, e estabelecerão assim uma uniformidade de ideias entre as duas nações, que supposto não appareça á primeira vista, é com tudo bem facil de perceber ao observador habil, e atilado.

De imagens apparentes,

De symbolos fingidos

Os povos illudidos

Constantemente são:

E um número pequeno

Experto e cauteloso

Ao vulgo não cuidadoso

Dirige a seu sabor.

E' tam real esta similhaça dos costumes Egypcios, e Chins, que fôra escusado gastar muitas provas em demonstra-lo. Seu culto vulgar dos animaes, e sensiveis imagens da vida e animação da natureza, sua escondida crença, e mil outros argumentos o testemunhão. Mas quando nenhuma outra cousa o fizesse ver; a perfeita analogia da influencia do bello-sexo naquellas duas nações assaz o poria patente; e como este é o meu objecto na historia do namô-ro, que emprenhando; a esse olharei sómente.

Os Egipcios n'outro tempo, e os Chins ainda ho-

je por influencia de clima; e costumes, forão, e são naturalmente ciosos. Onde esta paixão vergonhosa tem o seu imperio; o das bellas. he sim apparentemente menor, mas na realidade muito maior. As suas leis parecem mais faceis, e o seu governo menos despotico; mas se ólhamos de perto; é nessas partes onde ellas mais tyrannicamente imperão. O observador illudido as julga escravas, quando são senhoras; vê-se nas mãos do nosso sexo um phantasma de sceptro, mas o dominio verdadeiro está em scu poder.

Com sacrilega mão lhes lanção ferros

Aos pulsos delicados:

Suberbos da victoria se apregoão

E se crem libertados.

Mas quanto é mentiroso esse triumpho,

Qual falsa, e triste a gloria,

Se tu, sexo gentil, dos grilhões zombas;

Se a apparente victoria

Em vez de louros, ferros lhe grangeia;

E, fingindo quebra-la,

Redobra o pezo da servil cadeia.

Uma religião fanatica, principios de cautella errados, e mal seguras precauções fazem entre os Chins, e entre os Egypcios fizerão, que o bello-sexo condemnado á escravidão viva encarcerado, e passe na solidão, e na clausura os formosos dias, que a natureza destinára para embellezar a existencia, e encantar o universo. E' porem de simples apparencia (como já disse) esta escravidão. Em parte alguma tem as bellas um poder igual ao que exercem nas nações d'Asia, e Affrica, onde tam escravos parecem. Examine-se a historia secreta dos serralhos de Constantinopla, e do Cairo; a chronica particular dos palacios de Peckim; leião-se antigos fastos de Memphis; e conhecer-se-ha esta verdade.

Mas como se namora nesses paizes? Como se namorava entre esses barbaros? — Como? magnificamente,

minhas senhoras. Eu lho digo. A engenhosa invenção dos bilhetes, a piedosa instituição dos confidentes teve de certo a sua origem naquelles paizes. E se entre nós mesmo, onde é menos precisa, ella serve tanto, que faria entre elles? Uma carta expressiva, uma creada amiga, e sensível arranjava tudo; e o prazer do mysterio tornava ainda mais interessantes aquelles furtivos *rendez-vous*, e escondidas *entre-vistas*.

Com o veio do mysterio amor se encobre;  
 Na ausencia, e privações augmenta as forças;  
 No seio da esperança  
 Venturas imagina  
 Só morre, e se amofina,  
 Se a sorte o deixa em paz.

Alem dèstes meios, tinham os antigos outro (ainda hoje usado pelas nações da Asia) que erão os *ramalhetes symbolicos*. Cada flor designava um sentimento, e o seu arranjo, e distribuição significava um conceito, e exprimia exactamenie até um discurso inteiro.

No regaço de Flora se escondia  
 O numen dos amores  
 Dentre as folhas da rosa despedia  
 Seus tiros matadores;  
 Do caliz das boninas espremia  
 O doce mel das flores;  
 E ia no peito da saudosa amante  
 Depôr a chamma do amador constante.

Na violeta pallida  
 Tristezas debuxava;  
 Desejo ardente, e languido  
 No cravo lhe pintava.

Por seu encanto magico  
A muda linda flor  
Tornou fiel intérprete  
Da meiga voz d'amor.

Doce eloquencia tacita  
D'affectos, de paixões  
D'um par ancioso, e timido  
Transmitte aos corações.

Taes erão os meios porque o bello-sexo, zombando de seus oppressores, dirigia o *expediente* de seus negocios, e manejava destramente os mais importantes trabalhos de paz, e guerra; reivindicando por tam ingenuo methodo seus usurpados direitos de universal soberania.

(Continuar-se-ha.)

---

VARIÉDADES.

AS ROSAS.

Alvejava de neve outr'ora a rosa,  
Nem, como agora, doce recendia;  
Baixo voava amor sem tento um dia,  
E n'uma se arranhou ponta espinhosa.

Do sangue divinal gota amorosa  
Da ligeira ferida lhe escorria;  
E as flores da roseira, onde cahia,  
Tomavão do incarnado a cór lurtrosa:

Agora formosa  
A rubida flor  
Recorda d'amor  
A chaga ditosa.

Ao seio á linda mãe voou chorando;  
E um mago bejo lhe accalmou as dores.  
Foi tam doce o remedio a seus ardores;  
Que amor só desejou de quando em quando,

Que respirando,  
Com seus clamores  
Novos favores  
Fosse alcançando.

Subito voa, pelos ares fende,  
As rosas viu de sua dor trajadas;  
E que só de suas glorias namoradas  
Nada dicessem se irritou se offende:

A mão lh'estende ;  
E delicioso  
Cheiro amoroso  
Nellas recende.

Vós, que as rosas geutis colheis, amantes,  
Para o seio adornar  
Das bellas, que adorais, crueis instantes  
Sofrei sem desmaiar ;  
Resignados soffrei, sêde constantes ;

Que a desventura,  
Que a magoa, e dor  
Sempre em doçura  
Converte amor.

0  
**TOUCADOR,**  
*PERIODICO SEM POLITICA.*

DEDICADO  
A'S  
**SENHORAS PORTUGUEZAS.**

---

Ce sexe est tout pour l'homme; il soutient notre enfance,  
Il prête à nos vieux ans son active assistance.  
Fait pour aimer, pour plaire, et prompt à s'attendrir,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.

*Ducis.*

---

*NUMERO III.*



**LISBOA,**  
NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO II. (1822.)

*Rua Formosa N. 42.*

TOUCADOR

PERIÓDICO SEM FOLHETA

DEDICADO

SENHORAS PORTUGUEZAS

---

Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.  
Fait pour servir, pour plaire, et prompt à s'éteindre.  
Il prie à nos vœux sans son active assistance.  
Ce sexe est tout pour l'honneur, il souffre tout pour la gloire.  
Duché

---

NUMERO III

LISBOA

NA IMPRESSÃO LIBERAL ANO II (1817)

Rua Formosa 5. 15

O  
TOUCADOR,

PERIODICO SEM POLITICA.

FEVEREIRO ANNO II. (1822.)

MODAS.

Não posso soffrer que se note a uma senhora o gastar a maior parte do dia na sua *toilette*, e empregar todo o seu estudo, e applicação em seus enfeites, e modas.

Nem é frivola esta occupação; nem há dever mais sagrado, e que mais escrupuloso desempenho exija do bello-sexo.

Bellas, e formosas as creou a natureza; deu-lhe encantos, e attractivos; liberalmente lhe repartiu graças. Mas sem arte, que será desses encantos, que poderão esses attractivos, e que brilharão essas graças. Não deixe um veo mysterioso que imaginar ao desejo; não encubra o recato, o que a imaginação deve suppor; e o poder magico do bello-sexo se reduzirá a bem pouco.

Não foi só pela necessidade de evitar as injurias do tempo, e estações, que se inventarão os vestidos das senhoras. Essa causa é exacta a respeito dos nossos; mas em quanto aos dellas, ha mais algumas.

Estas forão (e são) excitar o desejo pelas privações, e a vontade pelas negaças. Acuriosidade é a mo-

la de todas as cousas, e o principio, que sustenta todas; ou quasi todas as pretensões.

Ha porém nesta regra termos, e limites, além dos quaes se não deve passar, sobpena de perder por um excesso mal entendido todo o fructo de seus resultados;

Estas reflexões me levão naturalmente a tratar um assumpto, que è, sem dúbida, o mais importante de todos, os que o vasto campo das modas póde apresentar.

Dobrai de attenção, amaveis leitoras; vou dizer interessantes cousas; vou franquear não sabidos mysterios, revelar magicos segredos, desenvolver occultas theorias. Longe vistas profanas! silencio a todos os iniciados! O oraculo de Cythera vai profetisar-se.

Duas modas principaes dividem o bello-sexo, e formão entre si uma como seita: a dos = *decotados* = e a dos = *affogados*. = Qual das duas merece a preferéncia? — Não é facil a resposta: nem me parece que se possa dar uma decisiva. Os *affogados* tem por si grandes argumentos, fortissimas razões, e poderosos motivos. Os *decotados* contão da sua parte. . . . . Ora são tam sabidos os principios, em que se fundão, que é inutil expo-los.

Não posso negar ( ainda que o meu voto seja pelos ultimos) que os *affogados* tem grandes convenientes; mas quantos não tem os outros! Para tratar este objecto com a seriedade, e attenção, que merece, é necessario começar mais de longe.

De todas as fórmãs, que a natureza moldou, a mais gentil, e encantadora foi sem duvida o seio d'uma bella. Ha mais seductores encantos, ha formosuras mais vivas: mas nenhuma tão poderosa. Os effeitos daquellas são d'um momento, são tam rapidos, quanto são excessivos; mas os desta são duradouros. Uns olhos brilhantes dardejão fogo ao intimo d'alma, paixão d'um só volver o coração mais appercebido; o sorriso d'uma boca airosa entra d'assalto no peito mais duro; mas a vista d'um seio lindo, onde a neve, e as rosas se disputão o logar, que palpita docemente;

e descobre em cada pulsação, umas vezes a tranquillidade da innocencia, outras a anciedade do desejo, outras finalmente a languidez dos prazeres; uma tal vista; oh! se uma vez pelos olhos extasiados foi gravar-se dentro d'alma; não ha forças, que a apaguem, não ha imagens que a substituição, nem poderes, que a desvançam.

Do que tenho ditto, parece que a conclusão necessaria, e immediata era: que nada de *affogados*. — "*Appoiado, apoiado!*" me grita a rapaziada toda. — Alto lá, senhores: não são VV. Senhorias quem ha de decidir a questão; nem os seus interèsses, os que devem motivar a decisão.

A' primeira vista, minhas senhoras, tambem os seus interèsses parecem estar por esta approvação. Mas pensemos hum pouco; e vejamos, se ha por ventura demasiada precipitação neste juizo.

Sendo (como é) tam forte o poder magico de tam poderoso attractivo; devemos concluir em regra, que occulta-lo, e encubri-lo é baldar-lhe suas forças, e prejudicar o bello-sexo, tirando-lhe um tal meio de conquista, e dominio. Logo nada de *affogados*. — Não senhor: não admitto tal *logo*: não é exacta a consequencia.

Por isso mesmo que são verdades innegaveis tudo quanto tenho expellido; por isso mesmo que é tam poderoso meio de conquista; por isso mesmo deve com toda a cautella, methodo, ordem, e com a mais fina de todas as artes ser empregado.

Bellas, que desejais encantar-nos, tomai o meu conselho. Nem sejais avaras em demasia, nem com excesso prodigas. Não empregueis d'uma vez, e a um tempo todas as vossas forças, nem as poupeis de mais.

*Decotados* constantes, e excessivos diminuirão vossos attractivos. *Affogados* continuos, e *teimosos* vos privarão do maior delles.

Tal é a maneira unica, e indeterminada porque se póde resolver o importante problema, que me propuz. Qualquer outra será errada; e falhara visivel-

(6)

mente na prática; embora tenha por si as mais sub-  
tilis, e ingenhosas theorias.

*ULTIMAS MODAS DE PARIZ.*

Continuação as mesmas.

*USO DE LISBOA.*

Nada de novo.

---

 JOGO.

Um dos mais interessantes artigos, que entrão no prospecto dèste periodico, é o jôgo. Materia: tanto mais difficil, quanto até aqui, ou nunca ou poucas vezes, ou com pouca importancia tem sido trattada.

Nos números passados não entrámos no seu desenvolvimento por accanhamento, e receio: ja por que temia-mos não desempenhar decentemente a nossa promessa por sua grande difficuldade, ja porque a novidade do assumpto nos arredava delle.

E' forçoso porém cumprir uma promessa tam solenemente feita; e faremos, quanto em nós estiver, por cumpri-la como devemos.

Faltariamos a um dos primeiros deveres de escriptor, se passassemos em silencio a historia de qualquer arte, ou sciencia, e com especialidade de uma tam engenhosa como esta.

Alguns authores attribuem a invenção do jôgo ao famoso Egypcio Mercurio Tresmegisto: e supposto as opiniões variem bastante sobre a sua origem, supposto ellas não concordem a respeito do primeiro inventor; entra com tudo no *maximo* das probabilidades humanas que o jôgo (bem como todas, ou quasi todas as artes) nascesse no Egypto. Além das razões geraes, que militão por esta opinião, accresce, e com muita força, uma particular: os symbolos, alegorias e gerogliphycos delle; producção natural, e privativa daquelle paiz.

Qualquer que seja porém essa primeira origem,

que a antiguidade nos esconde, e cujo espesso veo não podemos rasgar; o que é incontestavel, é que elle foi conhecido na sua infancia de muitos povos da antiguidade. Sem fallar-mos nos muitos escriptores Gregos, como Platão, Plutarcho, e Luciano; muitos Romanos, como Ovidio, Tacito, e Juvenal; temos nos codigos destes dous povos artigos de legislação, que manifestamente nos fazem conhecer a existencia do jôgo entre elles. Qual fosse porém a qualidade desses jogos, não será seguro determina-lo; supponho com razão que elles não conhecêrão, senão os de *azar*; e sem medo de grande erro poderemos talvez asseverar que a perfeição e variedade, em que hoje se acha este invento, só aos modernos é devida.

A descoberta do novo mundo contribuiu muito para o seu augmento, e perfeição; as grandes fortunas, que se fizeram naquellas paragens a pouco custo; os immensos cabedões importados para a Europa; introduzirão uma mania universal de luxo, e por consequencia necessária, um desejo immoderado de satisfazer todos os appetites, e caprichos, que a moda classificou na ordem das commodidades indispensaveis para a vida.

Até aqui sobre o jôgo em geral. A invenção das cartas (que são hoje a principal e mais conhecida especie) é tambem na sua historia um ponto mui duvidoso, e controvertido. Appontaremos as diversas opiniões, e deixaremos ao leitor judicioso o adoptar destas, a que melhor lhe parecer. Querem alguns que os Alemães, que em tudo mostram a profundidade, com que entram no amago de todas as sciencias, fossem em 1392 os inventores das cartas de jogar.

Pigault Lebrun fundado nas conjecturas do Padre Daniel attribue esta invenção aos Francezes no tempo de Carlos VI, no mesmo anno.

A nossa opinião diversifica destas em alguns pontos. E apezar que são tambem conjecturas as que a fundão; nós as julgamos de maior pèzo, e probabilidade.

( *Continuar-se-ha* )

---

 BAILES.

Como o nosso fim unico é, e será sempre o de instruir o bello-sexo; devendo ter continuamente em vista a doutrina, cujas bases expendemos no prospecto dèste periodico; applicaremos agora os principios, que expozemos em theoria, á prática dos bailes, um dos mais importantes objectos, que fazem parte de nossos trabalhos.

Deixemos pois a sua historia philosophica, cujo resumo ja fizemos, posto que imperfeitamente. Deixemos os dançarinos da Grecia, e Roma. Durmão em paz as cinzas de Pylades, e Bathylo; dêmos saudosa memoria a Memphir, e merecidos elogios a Bergonce de Batte; e passemos a distinguir com a possivel clareza as importantes classes dos bailes, a sua ordem, e methodo. Neste número, e nos seguintes emprehendermos tam útil, e difficilissima tarefa.

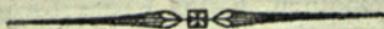
Segundo os nossos usos, podem dividir-se os bailes em duas classes, bailes *de côrte*, e *de sociedade*. Na primeira se classificão todos os bailes, e assembleias publicas; na segunda todos os outros. Estas duas divisões geraes comprehendem um maior número de especies, e pequenas subdivisões, que se approximão mais, ou menos d'uma ou da outra das primeiras grandes classes, segundo participão mais ou menos desta, ou daquella.

Os bailes de côrte, tambem chamados do grande *tom*, são o ajuntamento das pessoas mais illustres, e distinctas por sua jerarchia, ou representação reunidas por causa de *festejo publico*, ou tambem por motivo de *simples divertimento*. No primeiro caso o nome do baile vem da cousa, no segundo das pessoas,

A confusão dos titulares, embaixadores, ministros de estado acompanhados das Excellentissimas, a variedade das fardas, fittas, commendas, habitos, *crachats* produzem uma tam brilhante, como vistosa perspectiva.

O tumulto, que necessariamente reina nestes ajuntamentos não é a menor de suas bellezas, e *commodidades*. A facilidade dos *eclipses* naquelle vasto, e confuso *systema planetario*, o grande conveniente do barulho que equivale á solidão *a certos respectos*, tudo compensa sobejamente o pequeno incómodo, que pôde causar o forçado da *etiqueta*, e grande cerimonia, que é preciso guardar em taes reuniões. Muito mais, quando o *liberalismo* dêste seculo tem simplificado tanto mais a quella etiqueta, e reduzido bastantemente a ritual das ceremonias.

(Continuar-se-ha.)



## THEATRO.

Dissemos antecedentemente, que não entravamos na etymologia da palavra tragedia, nem revolveríamos *antigualhas* para decifrar as raizes de sua significação. Outro tanto diremos da commedia. Antes porém de continuarmos, ou começar-mos a sua historia, convenem dar uma ideia geral, e uma simples descripção dellas.

A tragedia pôde comparar-se a uma bella sentimental, que sem affectados ornatos, sem luxo, e sem arte apparente nos move o coração, e excita os mais ternos affectos, e os mais fortes por seus gestos expressivos, e energicas expressões.

A commedia pelo contrario, môça esbelta, e desenvolta com seu desgarre brilhante, travessos risos, e appetitosas maneiras convida a mais alegres sentimentos, e misturando o util com o agradável, attaca os vícios, e os defeitos, sem lhe descobrir o lado horroroso, nem pantetear o asco delles, mas destruindo-os effectivamente com as poderosas armas do ridiculo.

O primeiro author dramatico do nosso conhecimento é o Grego Eschylo. Todavia dos Chinezes, que tanto presumem de velhos, se diz que tem composições neste genero muito anteriores ás do nosso Grego. Não é deste logar, nem nosso interêsse disputar a antiguidade aos Chinas. Respeitemos titulos, que os mesmos Jesuitas não ousarão attacar. Do seu theatro diremos, que tem corrido a mesma sorte, que todas as artes, e sciencias correm naquelle paiz; quero dizer, tem marchado no mesmo terreno sem esperanças do menor progresso.

Das diversas composições d' Eschylo as mais potaveis são: o Agamemnon, a Electra, as Eumenides, e o Prometheus. Brilha nestas, e n'outras obras suas muito patriotismo, e amor da liberdade. Eschylo foi um dos vencedores de Xerxes.

Depois d'este vem Sophocles, a quem a fortuna, e a natureza muito favorecerão. Era tão gentil mançebo, que de idade de 16 annos o elegêrão os Gregos para dirigir o côro de jovens, que cantou o *Paeon* (hymno nacional) depois da victoria de Salamina. A's bellas qualidades physicas juntava os dotes d'alma, e riquezas não communs. Donde é facil de ver, quanto não seria cortejado pelas damas do seu tempo. Felizes todos os auctores, que apresentarem as suas composições com tam *eloquentes* avisos ao leitor! As suas obras mais célebres são a Antigone, a Electra, e os dous Edipos. Conservou todo o seu vigor d'alma até á idade de 90 annos. Accusado de demencia por um de seus filhos, defendeu-se, lendo o Edipo Coloneu, que pouco havia, tinha composto.

Euripides é dos tres Gregos, cujas obras conhecemos, em quem se notão maiores defeitos com maiores bellezas. A peor de todas as arguições, que se lhe fazem, é a falta de delicadeza, com que tratou o bello sexo, e de que o puniu Aristophanes em uma de suas commedias. Temos d'elle grande numero de tragedias, como são Jphigenia em Aulide, Medea, Hercules furioso, as Phenicias etc. As suas melhores composições são Alceste, e Hyppolito.

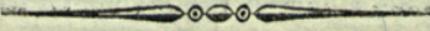
Neste poeta acaba para nós o theatro tragico dos Gregos, a pezar de sabermos, que houve depois d'elle outros, cujas obras se perdêrão. Dos poetas comicos, que produziu a Grecia, só conhecemos Aristophanes, bem que saibamos, que teve predecessores. A primeira das suas obras, que appareceu debaixo do seu nome, é a commedia intitulada Os Cavalleiros, na qual ousou attacar um *demagogo* por nome Cleon, que apezar da idolatria, que o povo lhe conservava, não pôde obstar á coroação da commedia de Aristophanes.

Tanto podem as armas do ridiculo empregado a tempo, ainda mesmo naquelles, que não podem perceber todo o fino das allusões! Compoz muitas butras comedias, de que nos resta parte, e em algumas tratou de objectos politicos. Assim nos *Acarneis na Paz*, e no *Lysistrato* mostrou a necessidade de pôr fim á guerra. Note-se de passagem que o maior tragico da Europa moderna, Alfieri; esse homem, que segundo Me. de Stael, a natureza tinha formado para o seculo dos Brutos, escreveu tãobem tres comedias, em que tratou igualmente de cousas politicas. Dos outros escriptores comicos só nos ficarão fragmentos, não obstante a sua multidão, e numerosos escriptos.

Depois dos Gregos vem naturalmente os Romanos. Mui pouco porém nos deixarão neste genero os senhores do mundo,

De continuo occupados com guerras, e com desordens intestinas, pouco tempo tinham para empregar nas bellas artes; tam amantes da paz, e do socêgo. Sua virtude aspera, e selvagem mais se comprazia com os combates de feras, e gladiadores, e com o spectaculo dos reis vencidos, do que com qualquer outro,

Só no seculo de Augusto é que a poesia verdadeiramente floreceu em Roma. Não possuímos as composições tragicas desse tempo: mas se julgarmos dellas pelas do aio de Nero, ou estas sejam verdadeiramente delle, ou de seu pae, ou de outro poeta do mesmo nome, os Romanos fizeram mais vantagens na comedia, do que na tragedia.


  
*VARIÉDADES.*

## O BEJO.

## O D E.

Quando, entre alegre, festival cortejo  
 Das ondas namoradas,  
 Sahi a aventurar os ceos, e o mundo  
 A meiga Venus linda;  
 As lisas Graças candidas, despidas  
 Logo emtôrno a cercarão.  
 Singelo, e puro ainda amor fagueiro,  
 Formoso innocentinho,  
 Que n'um suspiro lhe nasceu do peito,  
 Entre os maternos braços  
 Com as tenras mãosinhas affagando  
 Lhe vinha a face bella.  
 Surria para o filho docemente  
 A languida Cyprina:  
 Eos derretidos olhos voluptuosos  
 No filho se revião.  
 Nos labios d'ambos sussurrava a medo  
 O enxame dos prazeres,  
 E doce por entre elles lhe emanava  
 Todo o mel das delicias.  
 Por divinal instincto se aproxima  
 A face á face d' outro;  
 Brandamente seus labios se tocãõ;  
 E do prazer celeste,

Que no mago contacto saboreião,  
 Eis subito nasceste,  
 Filho ardente d'amor, de Venus filho,  
 Suavissimo Bejo.  
 Logo das tres irmans a mais formosa,  
 Aprazenteira Aglaé  
 No lindo seio te escondeu de neve;  
 E na mansão fagueira  
 D'amorosos desejos rodeado  
 Viveste espaço longo.  
 Te que, do furto sabedora a deusa  
 Te emplumou niveas azas,  
 Com que voaste para a mãe lasciva,  
 E andas de seio em seio,  
 Entre as bellas, que amor fere co'as setas,  
 Furtivo demorando;  
 Té que atrevidos, inflammados labios  
 Cubiçosos te roubem;  
 Ou sejas premio de ferventes súplicas  
 De respeitoso amante.  
 (Premio tardio, e raro, e mal seguro,  
 Quanto és ditoso roubo!)  
 E quantas vezes no virgineo seio,  
 Que alveja d'innocencia,  
 De entrar não ousas, que a modestia o guarda,  
 Que to veda o recato?  
 Corrido foges um momento, e triste;  
 Porém subito voltas,  
 E vens pousar-lhe languido nos labios  
 Meio infantis, e abertos.  
 Não tarda que o desejo lhe scintille  
 Nos olhos descuidados:  
 E então virá não timido mancebo  
 Os arcanos franquear-te.

ERRATA.

N. B. = Erratas mais notaveis do N.º 2. = Pag. 3. = linha 6. ingenhosissima cousa = *lea-se* = ingenhosissimo. = Pag. 7. linha 18. = pars = *lea-se* para. = Pag. 8. linha 4. como são = *lea-se* como = Pag. 9. linh. 28. prdemos = *lea-se* = podemos. = Pag. II. linha 4. nações = *lea-se* noções = Pag. 13. linha 18. = distribuição = *lea-se* = distribuição: = Pag. 14. linha 11 = trabalhos = *lea-se* = tratados.

0  
TOUCADOR,  
PERIODICO SEM POLITICA.  
DEDICADO  
A'S  
SENHORAS PORTUGUEZAS.

---

Ce sexe est tout pour l'homme; il soutient notre enfance,  
Il prête à nos vieux ans son active assistance.  
Fait pour aimer, pour plaire, et prompt à s'attendrir,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.

*Ducis.*

---

NUMERO IV.

LISBOA,  
NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO II. (1822.)

*Rua Formosa N. 42.*

TOUCADOR

PARADISO DE LA POLITICA

DEDICADO

SEÑORAS PORTUGUEZAS

---

Quero ser toucador para o homem; he portanto a tua esposa,  
he para a tua esposa a tua assistente.  
Para o homem, para a tua esposa, e para a tua esposa,  
he para a tua esposa a tua assistente.  
Desta

---

NUMERO IV

LISBOA

NA IMPRESSÃO LITHEAL ANNO II. (1822)

Rua Formosa N. 42.

---

O  
TOUCADOR,

PERIODICO SEM POLITICA.

FEVEREIRO ANNO II. (1822.)

MODAS.

A belleza principal da moda consiste na sua variedade, e inconstancia. Creada para o bello-sexo, e por elle dirigida, deve necessariamente participar da sua natureza.

Longe de mim declamar agora contra a natural volubilidade das bellas ! Loucamente lhes tem sido criminada esta propensão. Que cegos que são os homens em discernir o que é mais de seus interêsses ! Que seria do mundo, e de seus prazeres ; que seria de nós, e de nossos divertimentos, se uma *fatigadora* constancia, uma *incommodante* firmeza nos ligassem por uma eternidade amorosa a um unico objecto ? Que insipidez perpetua, que semsaboria uniforme !

Porém eu vou sabindo do meu assumpto ; volto a elle. A variedade da moda não se deve tam somente entender em quanto ao tempo ; isto é ; pela pouca duração, que necessariamente tem cada uso ; mas tambem pela sua diversidade nas differentes occasiões, e circumstancias. Eu me explico : um vestido de passeio não é o mesmo d'um baile ; certo enfeite que pa-

ra o theatro será de primeiro tom, n'uma função seria ridiculo; etc.

O gôsto fino da moda é o que distingue bem a sua ordem, e classifica suas especies com ingenho, e delicadeza. Que importa que uma senhora se vista bem, se ella não tem bastante espirito para conhecer os differentes adornos, que as differentes circumstancias requerem?

Perdoem-me as damas da capital. De todo o meu coração lhes peço desculpa, e com toda a humildade d'um *cavallier servente* lhes faço esta reflexão. Não são bastante escrupulosas neste ponto. De certo não olhãrão ainda com a devida attenção um tam importante objecto. Muitas e muitas ha, a quem esta nota não cabe; mas não direi decerto o mesmo do geral: Observa-se nas mais luzidas companhias de Lisboa na assembleia Portugueza, e estrangeira este bem sensivel defeito. Vem-se nestas brilhantes reuniões, onde o luxo, e a elegancia, o esmêro, e a delicadeza se empenhão á porfia para embelleza-las, vem-se, digo, muitas senhoras, que não empregão com exactidão as verdadeiras regras do tacto fino em modas. Vestidos *pesados*, e sobejamente ricos, demaziadas bordaduras, excessivos enfeites não são de certo mui proprios.

Um vestido de baile é um vestido mui particular, que só deve servir para aquelle effeito. Seus adornos, suas guarnições, tudo é d'um modo perfeitamente distincto, e diverso de qualquer outro.

Mas não basta que seja diverso, e para que um vestido de baile seja proprio, não é somente preciso que seja elegante, e airoso. Deve ser ligeiro, simplez; e (permitta-se-me a expressão) quasi *aereo*.

Convém que seja tal a sua ligeireza, que nos passos da dança, moldando-se ás fórmãs, e revelando parte dos segredos, que lhe são confiados, pareça, não cousa da terra, mas da região dos ares, em que volteia. Chamados pelos movimentos engraçados d'um corpo airoso, os Zephiros brincarão com suas orlas; e as graças, e os amores lhe esvoaçarão d'entôrno.

Sobre os enfeites da cabeça não se podem estabelecer regras fixas. As senhoras solteiras por uma convenção irrevogavel os não usão. Muito accertada, e justa me parece esta lei: pois o direito do *toucado* exclusivamente compete ás senhoras casadas.

Começando pois por advirtir, e recommendar a estas ultimas o *bom uso* de seu *privilegio*; lembrar-lhes- hei tambem que as plumas, e flores são sem questão os melhores enfeites da cabeça para o baile; aquellas por sua mobilidade vistosa; estas por sua elegante simplicidade.

A proposito disto, não posso deixar de fazer aqui as minhas queixas, e declamar altamente contra o desairoso, e pessimo uso dos toucados á *turca*; moda cruel, estragadora das mais bellas tranças, e digna (bem como a das toucas Inglezas, e Francezas) de ser banida dentre nós, e enviada para o serralho das sultanas velhas, e estereis favoritas.

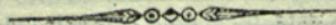
(Continuar-se-ha.)

### ULTIMAS MODAS DE PARIZ.

Nada de novo.

### USO DE LISBOA.

Continúa o meşmo com pouca differença.



## NAMÔRO.

Historiador nenhum até hoje emprehendeu tarefa tam difficil como a minha. Obstaculos infinitos se apresentam constantemente, e é necessario paciente trabalho, e incançavel fadiga para os vencer. Os antigos escriptores tam gabados de cultos, mas tam desleixados na mais importante materia, nada ou quasi nada nos deixarão neste ponto. Orgulhosos, como todos os homens, não fallão senão de si, e esquecem, ou desdenhão o mais bello dos sexos.

E' pois forçoso que o historiador moderno combina factos soltos, noções vagas, e arriscadas conjecturas para dar fundamento a suas narrações. Tal é o estado miseravel, em que se acha a historia do namôro. Mas nem por isso desistirei da começada empresa. De tanto preço é o meu empenho, tam alto é o seu valor, que nenhuma cousa me fará parar em minha tenção, nem abandonar o campo, por difficil que seja a victoria.

Se a penna de cançada  
Em minha mão fraquea,  
Se a mente devanea  
Do longo imaginar;

No mago objecto penso,  
A quem me votei todo;  
E logo em doce modo  
Me sinto reanimar.

Dentro em minha alma uns olhos imagino  
 Formosos, matadores  
 Correr as toscas linhas, que eu traçára.  
 E os travessos amores  
 Da leitora gentil sorrir nos lábios.

De gloria tam meiga  
 Me abraço na chamma;  
 Minha alma se inflamma  
 No doce pensar.

Dos Egypcios, naturalmente se vem aos Gregos; ja porque os seguem na historia do mundo, ja porque delles bebêrão suas luzes, conhecimentos, e até costumes.

Mui notavel, e brilhante é a historia do namôro na Grecia. Escravas umas, outra's senhoras, as bellas de tam affamada nação appresentão um quadro bem fóra do commum nos fastos do universo.

Como porêm a Grecia continha em bem accanhado espaço differentes estados, e nações similhantes quasi na lingua, mas diversas em leis, e costumes; mui diversos são tambem os fados do bello-sexo, e do namôro nestes tam vizinhos, e tam distinctos povos.

As damas d'Athenas se dividião em duas classes: uma entregue ao govêrno e arranjos domesticos passava seus dias ignorados entre as paredes de sua habitação; outra votada aos prazeres, querida das graças, e rodeada dos amores, no encanto d'uma existencia brilhante, e sempre variada, repartia entre os divertimentos e as bellas-artes uma vida deliciosa, e toda de ventura.

Da sabia Athenas os heroes briosos  
 Ante ellas se curvavão;  
 E os vates sonorosos  
 Mimos das aureas musas lhe offertavão.  
 Oradores famosos,  
 Que por sua voz os povos governavão,  
 Humildes a seus pés vinhão rendidos  
 Voar-se escravos, confessar vencidos.

Em quanto as bellas d'Athenas, encerradas umas no silencio de suas habitações, outras envolvidas no tumulto dos prazeres appresentavão um contraste tam notavel; as de Lacedemonia ainda outro mais descommum espectaculo nos offerecem.

Ao cyrco, aos jogos, a viris prazeres  
 Correm de Sparta as rigidas bellezas;  
 Affectados deveres  
 Abandonão do timido recato.  
 Avaro, escasso veo teimoso, ingrato  
 De assustada modestia  
 Jamais lh'ousa cubrir divinas fórmas,  
 Que á luz patente, e clara  
 O costume co'as leis francas deixára,

O célebre legislador Lychurgo, que tal uso estabelecêra por uma lei, levou em vista diminuir com esta franqueza os desejos da mocidade, e appresentando-lhe tam facil a posse, apagar a cubiça de a obter.

Não sei se conseguiu perfeitamente os seus fins: o que é verdade é que nem sempre causa fastio o que facilmente se alcança. Genios ha mesmo (não sei se padeço dessa molestia) a quem os obstaculos canção, e, em vez de irritar desejos, produzem fadiga, e aborrecimento. O assizado meio termo é sempre o mais seguro.

Dos outros povos da Grecia a historia neste ponto é pouco digna de nos demorar. Thebas rustica, Messenia religiosa, não são dignas de grande reparo. Da

Jonia porém veio a Athenas o gôsto dos prazeres, e o appetite dos divertimentos.

O methodo, e *systhema* de namôro era igualmente diverso entre estas nações.

Em Athenas escrevia-se ás bellas, mandavão-se-lhes versos (loucura, loucura, para sempre loucura!); tecião-se grinaldas, com que lhes ornavaõ as portas; davão-se descantes, etc.

E' bastantemente antigo  
O costume dos descantes;  
Sempre houve *chorões* por musiqua;  
São velhos como os amantes.

Forão nossos bons vizinhos  
Os bisarros Castelhanos,  
Que a moda apperfeiçoarão  
Depois disso muitos annos.

Coitadinho! era bom uso:  
Por isso pouco durou.  
Da voga foi decahindo,  
Por fim de todo acabou.

Pois é pena! era bonito  
La por noute velha adiante  
Ouvir chorar as guitarras  
As queixas do pobre amante,

Quer fosse ingrata, ou sensível  
A menina, a quem se amava,  
Sempre havia *choradeira*,  
Porque a moda assim mandava.

Pelas esquinas das ruas  
No seu capote embuçado  
Rapava tremidos frios  
O constante namorado.

Se o rival apparecia  
 Mais bonita a cousa andava;  
 Calavão-se os instrumentos,  
 E a *durindana* fallava.

Mas hoje; forte miseria!  
 Hoje tudo deu em droga;  
 O mais bonito da festa  
 Acabou, cahiu de voga.

Os namôros *sans façõs*  
 Dos taes senhores Francezes  
 Os patrios usos perdêrão  
 De Hespanhoes, e Portuguezes.

Porêrn tornemos ao meu assumpto. Os *descantes* fizeram-me cometer um anachronismo. Paciencia: ja agora não o emendo: vou andando o meu caminho, seja como for. Se me criticarem, desato a rir, *que é o meu costume*: e este não mo fazem perder todos os Francezes juntos. Francezes! Nem mesmo certos Portuguezinhos *Austriaco-arrussados*, que eu conheço,

(Continuar-se-ha)

---

*VARIÉDADES.*

## OS AMANTES GENEROSOS,

## CONTO.

Junto aos valles de Têmpe, amena estancia,  
 Mansão querida de Pomona, e Flora,  
 O joven Hylas, E'gle inda mais joven,  
 Ambos loucos d'amor o amor, se occultão.  
 N'um terno olhar suas fallas se limitão;  
 Sua chamma constrangida não se exhala.  
 O simplice pastor fallar não ousa;  
 E, se ousasse fallar, fôra entendido;

Mas tarde, ou cedo (se o desejo a inflamma)  
 Amestrão a innocencia amor, e a idade.  
 Tirá-los veio em fim o acaso um dia  
 Do *nada*, em que jazia a sua infancia.

A' meiga sombra de espessura umbrosa  
 Tam bella, ou mais que amor, E'gle dormia.  
 Hylas a encontra, e seus amantes olhos  
 Para admirá-la não lhe bastão ambos.  
 "Venus (exclama) eu frouxo em teu serviço  
 "Ouso implorar-te: oh! da-me que estes labios  
 "Em quanto sobre a relva E'gle descansa,  
 "Possão nos seus colhêr suave bejo.  
 "Eu t'o juro, ó divina Cytherea,  
 "Em trôco lhe darei dous mansos pombos,  
 "Que os teus de Chypre mais gentis, mais lindos;

O voto fez-se; e o beijo foi colhido.  
Fingido somno aproveitou á bella;  
E á noute o preço recebeu do voto.

Veio outro dia: e E'gle inda dormia:  
Mas não dorme o pastor. — « Deus dos amores,  
» Nella ves quanto adoro neste mundo.  
» De tantas graças, de bellezas tantas,  
» Oh! deixa-me uma só gosar ao menos.  
» Se eu pudesse (sem que E'gle o pèrsentisse)  
» Sob o lenço invejoso a mão furtiva  
» Pelos thesouros infantis guiando . . . .  
» Por tam secreto roubo, tam fagueiro  
» O cordeiro lhe dou, que mais estimo.  
» Oh! adormece, amor, E'gle formosa. »

O mais profundo somno Hylas encontra:  
Viu, tocou, e gosou, beijou sem custo  
O seio d'E'gle, que rettem manhosa  
Até o respirar; e a somno sôlto,  
Em quanto Hylas vigia, vai dormindo.

Custou-lhe no outro dia a vir ao bosque,  
Timida ainda, e vergonhosa, a bella.  
Trouxe-a o desejo de saber que dadiva  
Lhe traria o pastor. Veio; e apôz ella  
Hylas veio tambem. — « Eternos deuses,  
» Aqui a encontro! Concedei-me ainda  
» Que em mais estreito nó nos braços della  
» Gose em fim sem reserva os seus encantos.  
» Ah! vós bem o sabeis: os meus thesouros  
» Não são mais que um cãosinho: a E'gle o cedo. »

Oh! que pesado somno E'gle dormia!  
Em que esperanças o pastor vagava!  
Tudo, tudo lhe cede a seus exforços;  
Quantô mais ousa mais a bella dorme,

Que um mago sonho o espirito lhe occupa;  
 E é bem de crer, que o instante, em que o mancebo  
 No extasi do prazer fechára os olhos;  
 Os lindos olhos d'E'gle não se abrirão.

Mas, o sonho acabou . . . Despertos ambos;  
 Embrenhou-se o pastor pela espessura,  
 E o câosinho fiel ficou co'a bella.

Virão-se á tarde os dous envergonhados:

A pastora corou, suspirou elle;  
 Sós se acharão sem medo, sem receios . . .

Ào amante accórdada E'gle se entrega;

Acha mais doce não dormir agora,

E toda a embriaguez d'amor conhece.

Mas, se algum novo dom d'Hylas recebe,

Com dulcissima usura o restitue.

N'alma apezar as dadas começaõ

A' pastora gentil: — "Sei que te devo

"Duas pombinhas, que me dêste outr'ora!

"Mas ah! Tenho um receio, que me inquiete;

"Se ellas fugissem . . . Muito me incommoda

"Tam cruel, tam penoso dessocêgo.

"Toma-as, toma-as de novo; e o meigo preço,

"Que por ellas te dei, tambem mo entrega."

Surriu-se o joven; e pagou-as . . . (ambas!)

Um momento depois, o cordeirinho

A' pastora lembrou. — "Ao terno amante

"Devo acaso roubar o que mais ama?

"Assiduo companheiro de teus passos

"Elle foi sempre: tu mesmo o nutrias

"Com tuas proprias mãos sempre affagando.

"Recebo-o, que eu tu dou." E o cordeirinho

Foi restituído. O cão só lhe restava:

Razões novas, e ordem absoluta

Para tomar o dom, que tanto estima.

" Não tens mais que um ; é guarda do rebanho :  
 " Recebe-o, doce amante, e tudo, tudo ;  
 " Mais inda em cima tornar-te-hei um bejo. "

Tinha custado a dadiva bem pouco ;  
 Mas para a restituir custou dobrado.  
 O pastor affroxou . . . (Serio negocio  
 Veio por fim a ser o que era brinco !)  
 Deichou-se adormecer ao pe da bella,  
 Que , esgotados de todo os seus pretextos ;  
 Suspirando entre si, dizia ainda :  
 " Ah ! porque me não deu todo o rebanho ! "



*Tendo traduzido este conto o mais fielmente que pude  
 do Francez de Bernard, por satisfazer aos rogos do meu  
 intimo amigo, J. L. ; enviei-lhe a traducção com os se-  
 guintes versos, que julgo não dever omittir aqui.*

AO MEU AMIGO, J. L.

Pois os mimosos sons da branda musa  
 Do tam gentil Bernard na patria lyra  
 Queres ouvir suave mudulados,  
 E em lusos trajes desputar-se um bejo  
 De Têmpo nos generosos amadores ;  
 As cordas ferirei por comprazer-te,  
 Cortar-lhe-hei gallas dos pastores nossos :  
 Na lingua de Camões, se posso tanto,  
 Ver-lhe-has nos labios susurrar amores,  
 E o favo dos prazeres deslizar-lhe.

Tu que és meio Francez, meio Germano,  
 Que á meiga Deshoulieres canções fagueiras,  
 Que a Gesuer mui singelo ouviste os cantos  
 Na avena pastoril doce entoados,  
 Que ao meilifluo idioma de Racine  
 Sabes as graças, e o difficil colhes  
 De em mais difficil Portuguez vertêlas;  
 Se os teus pastores nas ribeiras nossas,  
 Nas margens do suavissimo Mondego  
 Vires diferentes dos que o Sena ouvira:  
 A ti só, que o quizeste, imputa os erros.  
 E, se no saldo de amorosas contas  
 Ficar por dividir algum quebrado;  
 Appróveita a fracção, faze-a *continua*,  
 Se a tanto te ajudar ingenho, e arte.



0  
TOUCADOR,  
PERIODICO SEM POLITICA.

DEDICADO  
A'S  
SENHORAS PORTUGUEZAS.

---

Ce sexe est tout pour l'homme; il soutient notre enfance,  
Il prête à nos vieux ans son active assistance.  
Fait pour aimer, pour plaire, et prompt à s'attendrir,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.  
*Ducis.*

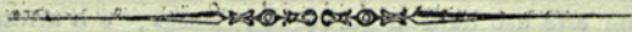
---

NUMERO V.

LISBOA,  
NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO II. (1822.)

*Rua Formosa N. 42.*





U  
TOUCADOR,

PERIODICO SEM POLITICA.



MARÇO ANNO II. (1822.)



MODAS.

Muito decididamente se vai declarando a moda das cinturas compridas; e os figurinos de Paris tem proclamado tam altamente este uso, que póde quasi asseverar-se que em breve será o dominante. Tremo quando penso neste futuro, e encaro ainda de longe tam assustadora perspectiva.

Não digo eu que sejam desairosas as cinturas compridas; ninguém com imparcialidade poderá negar o esbelto dellas: sei quanto ajudão o bom ar, e elegancia natural de um corpo bem feito. Mas todas estas verdades deixarão de o ser, se como régta fixa, e inalteravel se estabelecer o seu uso absoluto.

Em primeiro lugar, o bom gosto reprovatá sempre o *excessivo* das cinturas compridas. Quaesquer que sejam as suas vantagens, ellas se perdem por demasiado, e se inutilizão pela affectação que elle produz.

Em segundo lugar, e muito principalmente, é impossivel estabelecer unia norma geral a este respeito; por isso que variando, como varião, infinitamente os talhes, e feições do corpo; as cinturas compri-

das, que a algumas senhoras ficarão grandemente bem; a outras as desfeiarão visivelmente. Haverá bellas, a quem este uso dará o garbo das deusas, e o airoso das nymphas; haverá outras, a quem tal moda tornará derrengadas *bonecas*, e desconchavados manechins.

Quando as cinturas curtas dominavão, e subirão ao excesso prodigioso, em que as vimos; teve esta moda maldita a habilidade de destruhir a natureza, occultar quasi a mais amavel de todas as fórmas, ou pelo menos, contrafaze-la, forçando o seio de uma senhora a subir-lhe ás orelhas, ou esconder-se debaixo do braço. Passou felizmente; e as cinturas descêrão pouco a pouco á medida airosa, em que por bastante tempo se tem conservado com pequenas alterações.

Mas, se aquelle uso era defeituoso, não é menos este; perder-se-hão as feições do corpo, que não forem da cintura para cima; apparecerão estas excessivamente, e em grande prejuizo daquellas senhoras, que não poderem absolutamente dizer-se *sem senão* neste ponto. Assim o excesso de uma linda moda a tornará horrível.

Julgamos pois do nosso dever proclamar ás senhoras Portuguezas, para que se não deixem illudir dos falsos principios, com que pertendem alluciná-las n'um ponto de tanto interêsse, e circumstancia.

### ÚLTIMAS MODAS DE PARIZ.

*Grande tom á l'opera.* *Coeffure* de gaze, rosas, e narcizos. *Robe* de setim côr de carne com escomilha guarnecido de rosas com espigas de perolas. Luneta *à deux verres* passada a tiracollo em fita preta de Malta.

*Au Theatre.* Penteado em cabello com pente d'aço. *Robe de perkalè Canexou* de musselina, guarnições do mesmo; collar, e brincos de cabelo.

*Passeio.* Chapeu de setim *à fiehu* guarnecido de blonde e plumas; vestido de *cachemire* franceza.

USO DE LISBOA.

As capinhas á *romeira* vão estando muito em moda, principalmente entre as senhoras regressadas do ultramar.

As entradas dos çapatos descem conhecidamente.

## PASSEIOS.

Todo o mundo sabe que o nosso clima é um dos mais amenos da Europa, e por consequencia um dos mais favoraveis para passear; porem todo o mundo sabe tambem que não ha paiz onde menos se passeie do que em o nosso. Ora qual seja o motivo do desuso dèste elegante, e salutifiro recreio entre nós, não será facil de descubrir; com tudo, faremos as diligencias possiveis para isso; visto ser um ponto muito interessante, e um daquelles, que promettemos tratar.

Ninguem ignora a grande rivalidade, que sempre houve, e ainda hoje ha entre Francezes e Inglezes sobre qual dos dous passeios é mais brilhante; se *Hide Park* ou *Tuilleries*. Estas duas nações despendem cabedaeas immensas, com a mira de obterem cada uma a preferencia para o seu passeio — *Hide Park* é sem dúvida superior as *Tuilleries* (dizem os Inglezes) pelo seu tamanho, pela sua belleza romanesca, pelas suas ruas, pela magnificencia das equipagens, e concurso de povo, que alli se appresenta. Os Francezes dizem o contrario: que as *Tuilleries* são muito melhores que *Hide Park* pela regularidade dos jardins, pelo bello palacio etc. etc.

Porém nós, que havemos de dizer? Se quizermos fallar a verdade, e ser sinceros, diremos: que ha em Lisboa umas poucas d'arvores plantadas á linha; que a isto se chama o *Passeio Publico*, onde não vai ninguem; e que a este se reduzem todos os logares de passeio de Portugal, Brazil, e Algarves!!

Assim mesmo, aquella miseria de passeio público

*em miniatura* data simplesmente de quarenta annos a esta parte. Onde se passearia até então em Lisboa?

E' bem facil a resposta: no mesmo sitio onde se passeia hoje; em parte nenhuma. As senhoras, a cujo arbitrio está sempre a voga de todos os usos, e divertimentos, não sei porque fatalidade em Portugal tem desprezado isto; e perdido assim um dos melhores recreios, e mais saudaveis.

Até aqui, o afêrro a usos antigos, e o genio caseiro, e desconfiado de nossos avós foi em grande parte a causa disto; mas hoje, que a franqueza do *bom tom* tem destruido aquella causa, a culpa de tal desleixo não póde recahir com justiça, senão sobre as senhoras. Os homens não frequentão o passeio porque as senhoras o abandonão, e porque assentãrão comsigo (bem ou mal?) que não deviãõ ir onde ellas não fossem.

Nos números seguintes continuaremos esta materia bem digna de appropfundar-se; e não cessaremos de pedir ás damas da capital que nos ajudem em nossa *missão* com seu poderoso, e efficaz exemplo.

( *Continuar-se-ha* )

---

 JÓGO.

O jôgo é um invento de sociedade, e uma das occupações della; foi descoberto para este fim, arranjado para entreter o tempo em companhia. Por tal se conserva ainda hoje, e por tal ainda se usa, e pratica.

Sendo, como são, innegaveis estes principios; sendo, como todos confessão, simples conjecturas todas as opiniões a respeito da sua origem; é tambem innegavel que mais fundadas serão, mais provaveis, e menos arriscadas aquellas opiniões, que se basificarem em conjecturas filhas destes mesmos principios.

*Entreter o tempo em companhia;* eis aqui o fim do jôgo: como este é e foi o seu principio; tal devia ser a sua origem. Daqui necessariamente se conclue, que aquella classe de pessoas, que menos parte podessem tomar em outros mais brilhantes, e atrahidores divertimentos, essa devia ser a sua inventora. Ora, como nesta indagação não temos, nem podêmos ter dados certos, em que fundar os argumentos, approximar-nos-hemos da evidencia o mais que podêmos; e o unico methodo, que nos resta, é o que vulgarmente se chama — *de escludo de partes*.

E preguntarei agora: qual seria a classe de pessoas, que na sociedade menos se entretivesse com seus mais graciosos divertimentos? A dos sabios, e litteratos? De certo não; que empregadas em seus livros, em seus escriptos, em suas scientificas tarefas, fazendo disto sua primeira, unica, e singular occupação, lhes davão todo o seu tempo; e, bem differentes dos sabios de hoje, para mais nada lhes restava.

As bellas? ninguem responderá qua sim: escusado fôra apontar razões para provar cousa tam simples. Dança, namôro, etc. etc. forão, são, e serão seus unicos empregos, em quanto a idade, ou a natureza escassa as não inhabilita para elles. Dos rapazes, todos dirão o mesmo; e o mesmo se póde asseverar de todas as classes, excepto tam somente uma.

Apposto que advinhão ja de quem eu quero fallar. A daquellas senhoras, e homens, para quem ja sêca a primavera, frio o verão, e sem fructos o outomno, começa com grande pezar seu o enregelado inverno, sem que elles queirão confessa-lo, nem convir nisso.

E' pois muito de suppor que os inventores do jôgo fossem aquellas pessoas, que por sua idade, e desfavorecimento da natureza não podião dar-se a outros divertimentos. Quizerão desta maneira retter os prazeres, que lhes fugião, e as graças, que os abandonavão.

Tal é a conjectura que mais se ajusta com approbabilidade. E apezar que a observação nos mostra hoje algumas vezes o contrario, apezar que vejamos hoje com bem magoa algumas bellas, e cavalheiros moços darem-se a este divertimento com alguma preferencia; são *aberrações* contra natreza, que nada provão, e que não destroem o que deixamos ponderado.

( Continuar-se-ha )

## THEATRO.

Corremos ligeiramente pelos principios da historia dramatica, e pela simples razão do pouco que importa aos nossos determinados fins. Anciosos de chegar ao nosso tempo, e entrar circunstanciadamente nos pontos, que mais nos interessão, continuaremos da mesma maneira no que vai dessa historia até á epocha brilhante, em que o bello sexo, e os seus attractivos, tomando absoluta posse da scena, começarão a exercer nella sua dominação encantadora, assim na direcção do espectáculo, como na dos espectadores.

Não podêmos com tudo passar em absoluto silencio alguns mais notaveis pontos desta historia; e desde ja pedimos com antecipação ás nossas bellas leitoras nos desculpem o necessario fastio, que algumas vezes será difficil evitar-lhes

Levavamos ditto em o número antecedente, que maiores vantagens fizeram os Romanos na commedia, do que nas composições tragicas. Sempre os Romanes mostrarão grande talento para a satyra; qualidade, que herdarão seus degenerados descendentes. Não foi capaz de os fazer callar a tyrannia dos imperadores, e hoje mesmo Pasquim zomba, e ri do govêrno papal.

Não nos importão as fabulas Atellanas, nem as diversas especies de commedias, a que em Roma se dava o nome de mixtas, motorias, statarias, palliata, protextatas, tabernarias, togatas etc., nem tam pouco nos interessa a razão de semelhantes denominações.

Os auctores commicos Latinos, de que nos restão algumas obras, são, como todos sabem Plauto, e Te-

rencio. Falla-se destes dous poetas, como de escriptores originaes, quando na verdade são pela maior parte traductores, ou pelo menos imitadores dos Gregos.

Com a invasão dos povos do Norte nas regiões do Meio-dia cahiu o imperio Romano, e com elle a republica das letras. Veio depois com o andar dos tempos a cavalleria andante, instituição, que na sua origem tanta honra faz á humanidade e tanta gloria deu ao bello-sexo; vierão as cruzadas, e então começarão a apparecer os primeiros ensaios dramaticos depois do renascimento das letras, em um genero de composições, a que se deu o nome de *Mysterios*, ou *Moralidades*.

Estas peças rudes, e indigestas, representavão alguns dos mysterios de nossa Religião, ou pretendião dar lições de moral n'uma allegoria, em que se personalisavão os vicios, e virtudes. A paixão de Christo, os Actos dos Apostolos etc. subirão ao tablado. A Fé, a Esperança, a Caridade, a Avareza, a Luxuria, n'uma palayra todos os vicios, e virtudes, se acharão juntamente em scena disputando umas com outras.

Para que se faça algũa ideia do que isto éra, daremos neste artigo o esboço de uma das peças do nosso Gil Vicente, composta neste gôsto, e que vem no seu livro, intitulado =Obras de devoção.

Faremos outrosim conhecer desta maneira mais de perto um dos nossos escriptores, a que vulgarmente só se sabe o nome. Alem de que não deixa de ser curiosa a observação dos primeiros passos, que a arte deu, ainda na sua infancia: e para conservarmos toda a originalidade ao nosso Poeta, não lhe mudaremos a orthographia nos versos, que houvermos de citar.

A peça, de que fallamos, intitula-se = Mofina Mendes = é composta para se representar no dia de Natal. O logar da scena parece ser a principio a casa da Virgem Maria, a qual entra vestida de rainha, e acompanhada de quatro donzellas, que são a Pobreza, a Prudencia, a Fé, e a Humildade, precedidas de quatro anjos com instrumentos de musica. Sentão-se,

e cada uma puxa por seu livro, e le. A Virgem começa o dialogo dizendo:

*Que ledes, minhas creadas  
que achaes escripto li?*

Respondem-lhe com varias prophcias sobre a vinda do Messias, umas tiradas dos livros sagrados, e outras dos prognosticos de Cassandrâ, Sybillas etc. Note-se que os versos neste logar tem muitas passagens em latim, assim como por toda a peça. Então a Virgem faz um grande elogio, e pondera a fortuna da venturosa mulher, que ha de ser mãe de tal filho; e diz, que se daria por ditosa com servir tam alta personagem. Nisto entra o anjo S. Gabriel; e principia a saudar a Virgem, que estranhada do cumprimento, pergunta á Prudencia o que deve pensar das palavras do mensageiro celeste. A donzella responde-lhe, que se não turbe:

**Que segundo o embaixador  
tal sespera a embaixada.**

Continúa a saudação, que é sempre interrompida pela Senhora, que todas as vezes, que corta o discurso ao anjo, consulta uma de suas companheiras. Finalmente vai-se o anjo S. Gabriel; e os que ficão lhe toção por despedida uma sonata. Neste passo adverte-nos o escriptor, que se corre a cortina, e que apparecem alguns pastores. Donde, e do que se segue, pôde conjecturar-se, que ha aqui mutação de scena para vista de campo. Um dos pastores chama-se Paio Vaz, é amo da Mofina, e anda em cata da creada: o outro busca uma rez, que se lhe extraviou da ma-

nada. Começa um novo dialogo, em que se contão proezas inauditas da tal Mofina, que finalmente apparece.

(Continuar-se-ha.)

---

 VARIEDADES.

No 2. N.º deste periódico démos no artigo de variedades a imitação de uma allegoria Franceza, que de certo é uma das mais ingenhosas, que o elegante espirito da quella nação tem produzido. Neste numero sahe uma outra allegoria sobre o mesmo assumpto. Ella é de origem Portugueza; e esperamos que essa qualidade não seja motivo de ser mal accollida pelos nossos compatriotas.

A bem merecida acceitação, e geral applauso, que recebeu no theatro Italiano a Festa da Roza, por sua bella musica, ingenhoso enredo, e perfeito desempenho de suas partes, principalmente da primeira, que grangeou á cantora Favini um applauso tam geral, e produziu entre os amadores da scena lyrica um quasi enthusiasmo; excitardo o author desta ode á sua composição.

## A FESTA DA RÔSA ;

## ODE.

Venus! ás lindas flores que rainha  
 Tam bella lhe não déste!  
 Nasceu-te no alvo seio inda mais alva  
 A rosa namorada;  
 E a reinar pelos prados a mandaste  
 Da primavera ás filhás,  
 Tam pura como a virgem das florestas;  
 A neve da innocencia  
 No botão meio aberto branquejava;  
 E a candidez singela,

Timida ainda, lhe embuçava as folhas,  
 Pelo matiz dos campos  
 O Zephyro lascivo sussurrava;  
 É ao vê-la tam formosa  
 A'vido corre, vai furtar-lhe um beijo;  
 A innocente rainha  
 Cora de pejo; e a côr envergonhada  
 N'alvura se lhe embebe.  
 Triste ao ver-se no proximo regato,  
 Da perda se lamenta;  
 Accaso passa amor, que á mãe fugido  
 Vagava nas campinas,  
 Dos sentidos lamentos condoido:  
 » Não pranteies (lhe disse)  
 » Não chores, linda flor; males que eu faço,  
 » Sempre em delicia os pago; »  
 Docemente a bafeja, e doce aroma  
 Eis subito recende  
 Dó seio á maga filha de Erycina.  
 Desdê o feliz momento  
 A innocencia, o prazer, e a formosura  
 De rosas se croárão.  
 Premio da singellez, que orna a belleza,  
 Tu, culta França, a viste:  
 E as festas suas... Magica Favini,  
 Ei-la, recebe-a, é tua.  
 Ternura, candidez, belleza, e mimo  
 Para ti a colhêrão.  
 Amor lhe despegou co'amão divina  
 Os espinhos traidores;  
 Ja a dar-ta... olha... e vê... Rapido foge;  
 Que a mãe te viu nos olhos.  
 Oh que dor tam gentil! oh que ais tam meigos,  
 Que pena tam fagueira!  
 Dentorno aos labios, que o lamento entr'abre,  
 Os risos feiticeiros  
 Revoando lhe estão, e as Graças nuas  
 No seio, que palpita,  
 Lhe andão, por consolá-la, desparzindo

Os jasmims côr de leite.  
 Desejos mil e mil co'as vestes lindas  
 Da simplice pastora  
 ( Com as vestes, que a mais se não atrevem )  
 Lhe folgão como a medo.  
 Ve que suave mellica harmonia  
 Soa na meiga boca!  
 Que prazer voluptuoso lhe humedece  
 Os olhos derretidos!  
 Que sons do coração lhe vem tam brandos,  
 A conquistar os nossos!  
 Que accões, que gestos, que expressão do peito  
 No rosto se lhe pintão!  
 Amor, não te enganaste; é ella, é Venus,  
 Mas não receies, volta;  
 Ou, se temes voltar; dá-me essa rosa,  
 Deixa-me venturoso  
 Entre a neve do seio ir occultarlhe  
 A flor tam cubiçada:

5

**TOUCADOR,**  
*PERIODICO SEM POLITICA.*

DEDICADO

A'S

**SENHORAS PORTUGUEZAS.**

---

Ce sexe est tout pour l'homme; il soutient notre enfance,  
Il prête à nos vieux ans son active assistance.  
Fait pour aimer, pour plaire, et prompt à s'attendrir,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.

*Ducis.*

---

*NUMERO VI.*

---

**LISBOA,**  
NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO II. (1822.)

*Rua Formosa N. 42.*

TOUCADOR  
PERIODICO SEM POLITICA

DEDICADO

SENHORAS PORTUGUEZAS

---

Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.  
Fait pour atterrir, pour pisser, et prompt à s'attacher.  
Il gère à nos vices nos sages assistances.  
Ce sera sur tout pour l'homme il contient notre enfance.

---

NUMERO VI

---

LISBOA,  
NA IMPRESSÃO LIBERAL, ANNO II. (1822)  
Rua Formosa N. 44.

O  
TOUCADOR,

PERIODICO SEM POLITICA.

MARÇO ANNO II. (1822.)

## MODAS.

**D**e poucas cousas se cuida tanto, e poucas cousas de certo merecem tanto cuidado como os enfeites de cabeça. Muito se desvelão as senhoras sobre este ponto, e com razão o fazem, porque nada ha tam elegante como uma cabeça airosamente *arranjada*.

Não quizera de maneira nenhuma que se deitasse o mais minimo sal de malignidade neste meu tam innocente, e tam simples enunciado: declaro pois que eu fallo tam somente dos enfeites de senhora; mas não pertendo por isso tirar aos leitores o prazer de suas particulares applicações, uma vez que as fação caladamente para si, sem que se attribua á ingenuidade da minha innocencia, o que é só proprio da sua malignidade.

E' de tanta importancia, e ponderação esta especie de adornos, que elles não devem o seu principio tam somente ás invenções dos homens, ou ás descobertas da arte. A natureza, que se esmerou na sua obra prima em formar a mais bella das suas produções, liberalmente dotou o bello-sexo neste ponto, affirmoseando-o com as lindas tranças, que lhe ornão

as frentes: singelo, e natural attractivo, que por si só nos encanta.

Não ficaria agora muito longe do meu assumpto o tratar a renhida questão sobre a preferencia dos cabellos louros, e pretos. E como da decisão della, ou pelo menos, do exame de seus diversos argumentos depende em parte (ou talvez em tudo) o meu principal assumpto dos enfeites da cabeça, julgo do meu dever não passar em silencio sobre este ponto; e com toda a imparcialidade trattarei objecto de tanta monta, e farei quanto em mim estiver pelo resolver com a devida, e possível exactidão.

Amaveis leitoras, desde ja vos peço com antecipação a mais benigna indulgencia. Qualquer que seja a côr de vossas lindas tranças, todas ellas me prendem, em todas ellas se enreda a minha vontade, e todas, todas são para o meu coração grillhões desejados, em que elle muito de gôsto se vai encadear. Ficai pois certas de que eu serei juiz imparcial, e que não serão particulares inclinações as que me farão proferir a sentença. E deveis com tanta mais tranquillidade espera-la, e ouvi-la, quanto vós fica salvo o recurso de *appellação* ou *agravo* para o juizo superior de vossos amantes, que, alem de mais *competente*, é aquelle, cuja decisão mais vos pôde interessar.

Os cabellos louros tem sido objecto de tantos elogios, tem tido por si tanto apaixonado, que se a chamada *opinião publica* (cousa em que tanto se falla, de quem tanto se diz, por quem tanto se julga, para quem tanto se appela, e que tam pouco se sabe o que é) valesse alguma cousa nesta materia, necessariamente teriamos de proferir sentença a favor delles.

Mas como eu não sou juiz, que me deixe levar dessas cousas, em outros motivos mais fortes heide fundar a minha decisão.

Quando se falla geralmente em cabellos louros, ha pouca exactidão na maneira porque se falla. Ha especies deste genero superiores umas as outras, e que é necessario não confundir.

Os cabellos cõr de ouro rivaes do sol no lustre, e brilhantismo, bellos como o astro da dia, ce-gão como os seus raios, fulgem como a sua luz, acendem, e até ás vezes queimão como o seu fogo. Elles acompanhão ordinariamente a cõr da neve no rosto das bellas, cuja frente adornão, e trazem com sigo em regra os olhos azues. . . . Que quizilia particular que tenho com esta corzinha de olhos! Feia não é ella de todo, mas tem um não sei que de insípido, e sem sabor, que me enfastia sobre maneira, e que. . . . Mas eu ia faltando ao que prometti, introducendo as minhas particulares ideias no conceito, e razões imparciaes que muito imparcialmente devo apontar. Eu tórno a ellas, e ponho de parte a minha *quizilia*.

O cabello louro esbranquiçado, esse, a fallar a verdade, cuido que nunca teve apaixonados, nem elogios; e grande desgraça fõra, se os tivesse, porque confio em deus, que não ha nada mais desengraçado.

Resta uma terceira especie, que são os *açufreados*, ou ruivos. Horrenda cousa!!! Um sujeito meu amigo, pintando a discordia, tingiu-lhe a meleta desta cõr; eu apezar que julgo muito poetica aquella descripção, não sei se taes cabellos são sempre indicativos de discordia; de zanga de certo o são; e mui pouco delicado, e fino terá o gõsto, quem de similhante corzinha de cabello for apaixonado.

Os pretos propriamente dittos tam raros em toda a parte, são, até por este motivo, geralmente cubiçados. Eu não sei que haja homem, que ao ver umas tranças cõr da noute, uns olhos negros, um rosto de neve, possa resistir-lhe, saiba ficar um momento sem perder de uma vez, e para sempre a ociosa liberdade. Não imagino belleza, que se compare com esta, não concebo formosura, que lhe assemelhe; nem ha encantos, que rivalizem seus attractivos. Venus, senão teve o cabello preto, não foi a deusa da formosura, e os povos que lhe er-

guêrão altares, ou nunca a virão, ou foi desta maneira. Um dos maiores politicos do mundo, Mahometh conheceu tanto esta verdade, que no seu delicioso paraizo promette aos *verdadeiros crentes* as encantadoras *Houvis* com olhos, e cabellos pretos. Tal poder lhes julgou elle, que suppoz bastante motivo para obrar bem neste mundo, e desejar o *outro*, a esperança de uns cabellos pretos.

Depois dêstes, e como especie de seu genero, seguem os castanhos escuros. Muita gente confunde estes com aquelles, mas com manifesto êrro, e impropriedade, pois ainda que o castanho-escuro seja uma linda côr de cabello, não pôde nunca pôr-se em parallelo com o preto.

O castanho claro tem seus entusiastas, e suas bellezas; nem eu lhas nego, nem haverá quem o faça. Elles accompanhão ordinariamente bonita côr de rosto, e engraçados olhos. Sim, *engraçados*, porque vivos, e brilhantes, daquelles que n'um só volver levão apoz de si as vontades, arrastão imperiosamente os corações, . . . Oh! esses, ou nunca, ou rarissimas vezes accompanhão uma tal côr de cabello.

Tenho, segundo me parece, exposto com a possível imparcialidade os pros e contras dos differentes gêneros, que distingui: restão duas cousas; uma, decidir a questão da preferencia; outra, applicando ao nôsso objecto principal, as *modas*, examinar as variadas especies de enfeites, que a estas variadas côres mais propriamente ajustão, e compettem. E' difficil a empresa, e arriscado o juizo: convem por isso descanço, e meditação; e em o número seguinte continuaremos (e talvez findaremos) esta materia.

( *Continuar-se-ha* )

## ULTIMAS MODAS DE PARIZ.

Continuão sem alteraçào.

### USO DE LISBOA.

O preto, e todas as côres escuras são as mais em uso,

LIVRO DE LEBOR.

JÓGO.

A engenhosa invenção das cartas Allemãs causou a emulação das principaes nações da Europa, e estas principiárão á profia a ideiar o modo, porque a poderião rivalizar em alguma cousa. Umás inventárão os jogos de parar, outras os carteados, e álem disso, galantes, e engenhosos symbolos de naipes, e alegorias de figuras, procurando assim igualla-los, e gran-gear parte dos louvores devidos a tam util descuberta.

Muitos forão os que se inventárão; porém nós trattaremos aqui somente dos principaes. O Pere Menestrier quer que as cartas representem os quatro estados da vida; as copas a gente da igreja, as espadas os guerreiros, os paus os lavradores, os ouros os habitantes das cidades. Eis uma origem bem exquisita, e com allusões bem extraordinarias.

Outras nações representárão os seus symbolos nas figuras de cada naipe. Os quatro reis *David*, *Alexandre*, *Cesar*, *Carlos Magno*, são os emblemas das quatro grandes monarchias, Judaica, Grega, Romana, e Allemã.

As quatro damas, *Rachel*, *Judith*, *Pallas*, e *Argina*, (anagramma de *regina*, porque uunca existiu rainha alguma chamada *Argina*) exprimem (diz o mesmo Pere) os quatro modos de reinar: o primeiro pela piedade, o segundo pela formosura, o terceiro pela sabedoria, e o quarto pelo direito de successão.

Os valetes, (\*) *Lancelot*, *La Hire*, *Hector*, e *Hogier*, representam quatro grandes capitães, como denotando que a fôrça de um exercito nada vale, não tendo habeis generaes, que dirijão suas manobras, e movimentos a tempo.

Estas são as alegorias, que diversas nações tem dado ás cartas, e suas figuras. Os Portuguezes até aqui desprezados pelas outras nações, que não sabião, nem ainda sabem apreciar as suas qualidades, e ingenho, até nisto não tem sido ommissos, depois que a *liberdade* lhes deu logar a exercerem as suas faculdades intellectuaes, e mostrarem que apezar das barreiras, que lhes tinhão posto a sua illustração, elles souberão vence-las para hoje figurarem a par das nações mais illustradas da Europa em um tam *importante* artigo de industria.

Nas cartas *constitucionaes*, todas as figuras forão substituidas por assumptos *patrioticos*: o rei *David* por D. Díniz, *Alexandre* por D. João 1.º *Cesar* por D. Manoel, *Carlos Magno* por D. Affonso 1.; emblemas de quatro reis constitucionaes. O mesmo accontceu ás damas, que igualmente *jurarão* a *constituição*, a *Rachel* succedeu a Abupdancia, a *Judith* a Constituição, a *Pallas* a Justiça, a *Argina* a Fortaleza.

Nos valetes: *Hogier* foi vencido por D. João de Castro, *Lancelot* por D. Affonso d' Albuquerque, *Hector* por D. Vasco da Gama, e *La Hire* por D. Nuno Alvares Pereira.

Ainda que o symbolismo das figuras não esteja bem classificado, contudo parece-nos de grande utili-

(\*) Os antigos Francezes no tempo da sua *barbaridade*, reputavão honorifico o titulo de *varlet* (depois *valete*) e os mesmos *grandes senhores* o tomavão até serem armados *cavalleiros*. Por isto se deu no baralho o titulo de *valete*, ou *varlet* a *Hogier*, *Lancelot*, *La Hire*, e *Hector*, capitães distinctos do tempo de Carlos 7.

dade o generalisar-se entre nós esta tam importante mudança pelos seus resultados patrioticos, e consecutivo *liberalismo*, que é certamente uma das melhores qualidades do jôgo.

E demais, que novo *chiste* não será para o interêsse dêste divertimento, o dizer uma senhora á outra, estando a perder: Este D. João I. foi os meus peccados: por sua causa levei um codilho— Sim, minha rica? (dirá a outra) Pois o meu Nuno Alvares Pereira fez com que eu ganhasse a mão— Não me aconteceu o mesmo a mim (diz dalli outra parceira) com esta *constituição* de uma figa, que me fez perder até á ultima de cinco. Pois olhe; (responderá a outra parceira muito quizilada) outro tanto me succedeu amim com esta *Justiça*, que de certo não é justiça, mas consa má; pois sempre me depena quando me metto com ella.

E na realidade, que triste e sem sabor não é dizer, *valcte de espadas, dama de paus, rei de copas etc.* Que linda cousa não será vermos n'uma luzida companhia as bellas, e os cavalheiros, designando as cartas por estes nomes particulares, trazendo assim á memoria a recordação de grandes heroes, e sublimes virtudes!

A ideia parece-me luminosa, por isso chamo a attenção dos peritos na materia para que hajão de substituir esta nova nomenclatura á ontra já sedição, e velha.

(Continuar-se-ha.)



## THEATRO,

O amo a quer obrigar a dar-lhe conta do rebanho, que lhe entregára. Ella responde que sim, com tanto que depois lhe pague o que deve. Começa Paio Vaz por partes, e de cada especie de gado, porque pergunta sabe que se tem perdido grande número de cabeças. A Mofina diz-lhe por fim que pague, visto ella ter dado conta de todo o gado, como prometera. O amo da-lhe por paga um pote de azeite, que ella põe sobre cabeça, e começa a dizer

Vou a feira de Trancoso  
Logo, nome de Jesu  
E farey dinheyro grosso,

Do queste azeyte render  
Comprarey ovos de pata  
Que he a cousa mais barata  
Queu de laa posso trazer:  
E estes ovos chocarão  
Cada ouo dara hum pato  
E cada pato hum tostão  
Que passaraa de hum milhão  
E meo, a render barato

Casarey rica, e honrrada  
Per estes ovos de pata  
E o dia que for casada  
Sayrey ataniada  
Com hũ brial descarlata  
E diante o dispozado

Que mestaraa namorando  
virey de dentro baylando  
Assi desta arte baylado  
Esta cantiga cantando,

Ao dansar cahe-lhe o pote, e, longe de se affi-  
gir com a perda de toda a sua fortuna, retira-se can-  
tando. Depois entrão outros pastores, que tendo fal-  
lado do seu gado, deitão-se a dormir. Aqui acaba a  
primeira parte, ou acto da *peça*, o que se conhece  
pela advertencia, que faz o escriptor nestas palavras =  
*Logo se segue a segunda parte que he uma breve contempla-  
ção sobre o nascimento.*

O logar da scena parece ser o mesmo. Sahe a  
Virgem com o acompanhamento do costume, e depois  
de recitar alguns versos em louvor do Menino, man-  
da a D. Fé, que vá accender uma vela, a que ella  
chama a vela da gloria. Sahe a sobredita, acompa-  
nhada de S. José; e no emtanto a Virgem, e as que  
ficão, rezão um psalmo da composição do Mestre Gil,  
intermeado de seus latinorios.

Entra a Fé, e S. José com a vela apagada o qual  
diz que ninguem quer accender a vela da Fé: e de-  
pois desta, e da Humildade se queixarem amarga-  
mente disto, a Senhora manda accender a da Espe-  
rança =

E dizey-lhe que o pauio  
Desta vella a salvação  
E a cera o poderio  
Que tem o livre aluedrio  
E o lume a perfeção.

S. José retruca nestes termos

Senhora não monta mais  
Semear milho nos rios  
Que quereremos por sinaes  
Metter cousas divinaes  
Nas cabeças dos bogios.

Manday-lhe accender candeas  
Que chamam ouzo e fazenda etc, etc.

Mlle. Prudencia adverte, que para nada se precisa de lume, porque se é para esclarecer aquelles logares, a verdadeira claridade não tardará muito a nascer, se é para guisar algum manjar para o menino, que elle não precisa, porque é panis vita; e que se é para o vestir, que a melhor cobertura, em que se póde envolver é a propria formusura

Mais hia por diante a tal donzella  
Cô sermão, que ninguem lh' encommehdára

Quando chora o menino, as virtudes cantando o embalão, e os Anjos partem a accordar os parteres, que dormião desde o primeiro acto. A muito custo as despertão, e os fazem vir adorar o recém-nascido. Remata-se a função dançando, e cantando todas as personagens etc. etc.

---

**VARIÉDADES.**

*Desta sublimé peça de versos, sobejá para seu eló-  
gjo o nome de Sapho, ignorado so de quem não tiver co-  
ração. Infeliz nos seus amores, quanto ardente em sua  
paixão, esta desgraçada victima d'um sentimento irresistí-  
vel, pouco antes de se precipitar do célebre rochedo de  
Leucates, a escreveu ao ingrato objecto de seu mal fada-  
do amor. A poesia sentimental, e melancolica doçura de  
seus versos me fez emprehender a difficil traducção delles, am-  
bicionando tanto a approvação lisongeira de nossas amáveis  
leitoras, quanto lhes desejo differente sorte.*

DESPEDIDAS DE SAPHO A PHAON.

ODE.

Deixai um pouco o throno dos prazeres,  
Ternas irmãs d'amor, Graças ingenuas!  
De Phaon inconstante assiduas socias,  
Meus ultimos suspiros,  
Ao ingrato, levai-lhos.

Celestes Musas, Sapho desgraçada  
De vossos cantos a doçura iguale!  
E tu, lyra infeliz, triste instrumento,  
Echo dos meus gemidos  
Appura os sons tocantes.

Quando o ceo tempestuoso ameaça os prados,  
E os despregados ventos se enfurecem,  
Choupo erguido no cume das montanhas  
Menos se agita ainda  
Que o meu anciado peito.

Formosos dias de minha alma encanto  
Em que sujeito ás minhas leis o via,  
Dias, em que eu gozei de o ver ao menos,  
Dias de gloria, e júbilo,  
Cruéis! onde fugistes?

E eu que a amava, a rival aborrecida!  
Ingratal o coração fingia abrir-me,  
E em tanto ao meu com sua mão traidora  
As feridas rasgava  
Que hade fechar só morte!

Embora: sê feliz co'a tua amada  
(Póde haver coração que teu não seja!)  
No delirio de amor, na paz do gôzo  
Venturas, que eu não provo,  
Saboreia-as embora.

O meu fado infeliz foi só de amar-te,  
Forão destinos teus ser sempre amavel.  
Quando dos dias teus na maga infancia  
A praias encantadas  
O teu baixel guiavas,

Nos trajes de mortal Cyprina bella  
Para as aguas vadear te implora auxilio;  
Tu a passaste: e as ondas satisfeitas,  
Com ella conduzião  
Risos, graças, e amores.

Voarão aos teus olhos os amores;  
Nos labios teus os risos se escondêrão;  
E a ti d'entôrno as graças namoradas  
Travárão lindas danças,  
Em que amor te exprimissem.

Venus te disse: "Venturoso infante,  
"Serás dentre os mortaes o mais amavel,  
"E dos altares meus seguro esteio,

" Meus philtros poderosos

" Eu tos confio todos. "

Suspirava de inveja Amor ao lado.

Eis que eu passava: despicar-se intentá!

E n'um tiro de seta assim me fada:

" Sapho será mais terná

" Do que Phaon amável. "

E tu na minha dor, cruel! me foges!

Irei, por te abrandar, correr os mares.

Subir aos montes, vaguear desertos,

Voar desatinada

Aos limites do mundo?

Falla: nada receio um desditoso.

Irei de gosto arremeçar-me aos p'rigos;

Feliz de obedecer-te, e de seguir-te;

Irei roubar-te o cinto

Das graças; com que prendes.

Per doces bejos nossos labios juntos. . . .

Unido ao teu, meu coração batendo. . . .

Ja de prazer anseio. . . . ja nas veias

Seu ardor devorante

Me corre atropelado. . . .

Oh desgraçada! accorda desse engano.

Tudo perdêste. . . . Fique-te o repouso.

Aqui o tens: as rochas de Leucates

(Ellas. . . e nada mais!)

Terminarão teus males.

O  
TOUCADOR,  
PERIODICO SEM POLITICA.

DEDICADO  
A'S  
SENHORAS PORTUGUEZAS.

---

Ce sexe est tout pour l'homme; il soutient notre enfance,  
Il prête à nos vieux ans son active assistance,  
Fait pour aimer, pour plaire, et prompt à s'attendrir,  
Il nous engage à vivre, et nous aide à mourir.

*Ducis.*

---

NUMERO VII.



LISBOA,  
NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO II. (1822.)

*Rua Formosa N. 42.*

TOUCADOR  
PERIÓDICO SEM FOLHETA

SENHORAS PORTUGUEZAS

Este livro contém a história da vida e do reinado da rainha D. Maria II, e a sua educação em Portugal e em França. É uma obra de grande interesse para as senhoras portuguesas.

NUMERO VII

LISBOA  
NA IMPRESSÃO DE ALVARO ANTONIO DE ALMEIDA

Em Lisboa de 1845

---

O  
TOUCADOR,

PERIODICO SEM POLITICA.

MARÇO ANNO II. (1822.)

---

MODAS.

Ora muito bons dias, minhas senhoras? Accordei agora inda meio assarapantado com o mais exquisito sonho, que inda sonhou homem neste mundo. Pois não cuidei eu que estava entre umas poucas de senhoras, umas de cabellos pretos, outras de louros, outras de castanhos, e que todas agarradas a mim querião por fôrça que immediatamente, e sem mais fórma de processo lhes decidisse a questão da preferencia? — Ora eu, que não fui educado nos deliciosos, e *faceis* paizes do Koran, (\*) e pouco acostumado a *attirar o lenço*, confesso que me não sabia decidir. Olhava para uma, olhava para outra... aqui uns olhos, alli um seio, acolá um braço... Em fim estava perfeitamente assaralhopado, e quasi com vontade de fazer de casto José, e deitar a fugir. A fugir! eu! Salve deus tal logar. Antes morrer no campo. Com as armas na mão, isso não fazia eu, porque, a fallar a verdade, não era batalha que o permittisse.

O partido mais acertado era brigar com todas,

---

(\*) Vulgarmente *Alcôrdo*.

principiasse onde principiasse, acabasse onde acabasse. Mas como alguma havia de ser primeira, eis-ahi estava dada a preferencia; e era isso exactamente o que eu não sabia determinar.

Eu que estava neste conflicto, que com as voltas que dei na cama, accordei. . . . Accordei; e fiquei a chuchar no dedo.

Safa com os taes sonhos! E digão-me ca que a natureza é providente; venhão-me os senhores optimistas contar petas de que tudo está bem. Quizera-lhes eu perguntar para que são os sonhos neste mundo. Para incomodar a gente, e fazer andar a cabeça á roda.

Donde eu concluo que, nada de sonhos: e de claro muito accordado que vou sentenciar a final a demanda da preferencia.

“ Vistos estes autos, e ponderadas com madura  
 reflexão as allegações imparciaes dos illustres redatores do Toucador, combinadas outro sim, e bem comparadas as qualidades, e merecimentos dos tres principaes litigantes, os cabellos louros, pretos, e castanhos, bem como as dos secundarios, mencionados, e constantes do libello inserido em o número sexto do mesmo periodico; temos decretado e decretámos o que se segue.

“ Os cabellos pretos ficão declarados superiores pelas razões allegadas, e provadas. E quando acompanharem olhos da mesma côr, ficão obrigados todos os corações da superficie da terra a prestar-lhes as devidas homenagens; e, desamparando as bandeiras de todos, e quaesquer, olhos e cabellos, vir allistarse debaixo de seus estandartes, sem que por isso incorrão nos crimes e penas de desersão. E como na falta delles convém que seja legalmente estabelecida a substituição da mesma preferencia; similhantemente determinamos que na simples concorrência de louros e astanhos, occupem aquelles o primeiro lugar, e se lhes rendão os mesmos cultos, e vassallagem, que houverão de competir aos pretos, se presentes se achassem.

“ Assim o haja entendido e faça executar, e execute a rapaziada de bom tom espalhada pela superficie da terra. Dada e expedida no *charmant boudoir* de *Madame une telle*, sem data, nem assignatura, para maior validade. ”

### ULTIMAS MODAS DE PARIZ.

As fitas *tricolor* passarão da cintura para os enfeites de cabeça naquellas provincias, aonde se começarão a usar. Esta moda vai pegando em Pariz e tem dado muito que fazer ás modistas das Tuilleries, e St. Cloud. Os enfeites brancos e lizos, que os figurinos da cõrte querião á força estabelecer em voga, tem sido origem de questões de summa importancia, e de que se esperarão resultados de grande transcendência . . . . .

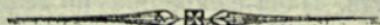
E' de esperar que os missionarios estacionados naquella capital estabeleção a ordem, e promovão a *legitimidade*: bem entendido; entre as modistas.

Por estes ultimos dias apparecêrão nos passeios alguns chapéos de gôsto novo; ou, pelo menós, desusado á sette para outo annos, a que dão o nome de *á la Berton*. Ha bastante gente empenhada em fazer pegar esta moda, e muito boa gente tambem (entre os quaes muitos nossos amigos) que procurão faze-la cahir. Louvado seja deus! o que faz a moda!

### USO DE LISBOA.

Nada de novo!!!

*N. B.* Tem-se observado de certo tempo a esta parte grande uso dos enfeites de plumas á Tupinamba entre as senhoras *ultramarinhas*. Diz-se que lhe dão o nome de enfeites á *independente*!!—1,!!—1,!!—1.



## THEATRO.

Graças á nossa paciencia, e á das nossas indulgentes leitoras, acabámos com o maldito enfado da sensaborona historia do theatro antigo. Vamos entrar em mais risonho paiz, correr sitios mais amenos, e procurar suave instrucção sem o enjoativo incómodo de remechar papeis velhos.

O bello-sexo vai tomar posse da scena, vai dirigir o gôsto do espectáculo, e dos espectadores; e a delicadeza amavel, a suavidade encantadora, e o prazer lisongeiro entrarão com elle a esmerar-lhe as bellezas, e apurar-lhe as graças.

Ah! longe, longe, sabichões *in folio*,

Que o merito das letras

Estribais na impostura, epedantismo,

Do amavel deus do gôsto

Os mysterios sagrados

Obscuros ignorados

De vós sempre serão.

Demoustier ingenhoso, alma sensivel,

Oh! vem meus versos bafejar do Elysio,

Traze um sorriso affavel

Da tua doce Emilia,

Torna com elle amavel

O tosco estylo meu.

Deixemos o theatro Inglez, e os seus pregoeiros; contentemo-nos de admirar o immortal Shakspear, mas não o louvemos; respeitemos seu grande genio, mas não somos obrigados a amá-lo. Espantou-nos muitas vezes, mas nenhuma nos incantou. A falta de respeito, e delicadeza, com que trattou o bello-sexo,

a rusticidade das expressões, que com elle usou, e desacreditaõ aos olhos do observador sensivel, e possuido de seus deveres, que não póde reconhecer merito em quem se esqueceu delles para com a porção mais bella da especie, a cuja gloria só queremos, e devemos trabalhar.

Ver agora sem vergonha  
O tal Inglez mal creado  
Jogar chalaça de arrieiro  
Sôbre o tragico tablado!

Ouvir um ladrão d'um preto.  
A' bella infeliz amante  
Dizer finezas d'Alfama  
Em linguagem de estudante! (\*)

Ver o heroe, ardendo em zelos  
Mais negros que a sua cara,  
Affogar c'um travesseiro  
A innocente, a quem roubára!

Se isto em Inglez é belleza  
D'expressão, e de energia;  
Entrc nós os Portuguezes  
E' noventa porcaria.

Não pense algum rigido censor que nós julgamos de leve tam accreditado poeta: esta é uma de suas

(\*) Acto V. scena II. (Shakspear's Othello)

Oth. — He has confess'd.

Desd. — What, my lord?

Oth. — That he hath used thee.

.....  
Oth. — Out, strumpet!

Desd. — O, banish me, my lord: but kill me not

Oth. — Down, strumpet!

mais affamadas tragedias, o Othello. Pergunto agora, se de homem, que assim escreve, podem admiradores jurados do bello-sexo fazer appreço algum, ou dar-lhe sobejo logar em sua analyse.

Não damos aqui a versão desta, e de muitas outras iguaes passagens de seus drammas, porque não costumamos frequentar as tascas, e tarimbas, onde só apprenderíamos termos, com que traduzir fielmente a *energia* verdadeiramente Ingleza do original,

Perdoa, author divino  
De Clarice, e Pamela,  
E tu, que d'Eva bella  
Pintaste o puro amor.

Eu fallo particularmente do theatro, e particularissimamente de Shakspear.

Depois d'este houve alguns poucos Inglezes, que entrados em seus deveres, collocarão no logar, que lhe compettia, os encantos da belleza, e a influencia meiga da mais suave das paixões. Como porém esses poucos não forão, senão apprendizes da eschola Fran- ceza, quando tratar-mos della, mencionaremos os que o merecerem.

(Continuar-se-ha.)

---

 VARIEDADES.

AMOR, E A VAIDADE,

## FABULA.

*Per procurarvi poesie galanti,  
 Voi sapete che studio io non sparagno,  
 Per quanto son le forze mie bastanti.  
 Casti.*

Mais veloz ja corria o espaço usado,  
 Que as horas marca ao dia,  
 O deus, que a traz de Daphné  
 (Infructuoso trabalho!) dera ás gambias,  
 E aos braços de Amphytrite ia mais cedo  
 Das fadigas da luz gosar nas trevas  
 Desejado reponso.  
 Yão seccando pelo prado as hervas:  
 E o verde-escuro dos frondosos montes  
 Amarello cahia.  
 Sentado ao pé da magustal fogueira  
 Vermelho, e rubicundo,  
 O bemdito, e louvado São Martinho,  
 (Que a cega antiguidade,  
 Que a bulla não tomava da cruzada,  
 Nem jejuava aos dias de jejum,  
 Bacho chamava, em sua escandalosa,  
 Miseranda ignorancia)  
 Bastas fazia navegar nos mares  
 Da barriga sanctissima

As puchantes castanhas.  
 Banhos, e quintas ao socêgo antigo  
 Despovoadas tornavão.  
 Cabia a folha, assoviava o vento;  
 Em fim, sem metaphoricas periphrases,  
 Era ja meiq outomno.  
 Amor, Cupido, ou Ero, ou qual mais gostem,  
 Dar-lhe baptismo ou chrisma;  
 Com tanto que não chegue  
 A tanto o desafôro.  
 Que ousem (como eu ouvi por meus pecados  
 Co'estes, que a terra um dia,  
 Ou mar tem de comer)  
 Por louca affectação d'Anglo — mania  
 (Moda, perversa moda!)  
 Chamar-lhe em Portuguez... chamar-lhe *Love!*  
 Amor, pois, ou Cupido,  
 (Que assim nossos avós disserão sempre  
 Em tempos venturosos,  
 Que tudo se chamava por seu nome,  
 Que ás bellas se dizia  
 Em razo Portuguez tudo... sim tudo,  
 O que hoje é força reбуçar no manto,  
 De alegoria equivocada)  
 Amor do reboliço da cidade,  
 Do barulho enfasiado,  
 Farto ja de frexar c'os aureos tiros  
 Os corações tam gastos,  
 Usados, velhos, estropiados, frouxos  
 Da gente da cidade,  
 Para o campo fugiu, donde ella foge.  
 La, nos singellos bosques,  
 Nas simplicies cabanas  
 Singellos corações, simplicies almas  
 Em Daphnis, e Amarillis.  
 Espera achar ainda.

Por um ameno, solitario valle,  
 Em seus projectos embebido, o numen  
 Caminhava... Eis da encosta d'um outeiro  
 Vê descendo gentil, esbelta dama,  
     Que bem no airoso póрте,  
     No perluxo das modas,  
     Da rustica espessura  
 Conheceu que não era habitadora.  
 Fugi-la quer... Mas sentimento occulto,  
     Que entre nós, ca na terra,  
     Se diz — curiosidade —  
 (Não sei como no ceo lhe chamão numes)  
     Sentimento imperioso  
 No sexo lindo, que nos doura a vida,  
 (Que a doura, se gosar sabemos delle,  
     Que aos parvos a envenena)  
 Este o reteve, suspendeu-lhe os passos.  
     Quem será? — Quer sabe-lo.  
 Ei-os juntos; e amor que a bella dama  
     Cortezmente saúda.

## AMOR.

“ No campo ainda, e só, quando á cidade  
 “ Apressurada corre toda a gente?  
 “ Tam delicada, tam formosa dama  
     “ Os insultos não teme  
     “ Da quadra desabrida?  
 “ Foge acaso o prazer da sociedade?  
     “ E nestas mudas selvas  
 “ Vem por ventura, desgraçada amante,  
     “ Chorar na soledade?

Não gostou do cortejo, e comprimento  
 A nympha bella, e desdenhosa, dengue,  
 Offendida que o nome lhe ignorassem,  
     Orgulhosa responde,

## A DAMA.

- „ Conhece-me o universo; em toda a parte  
 „ Templos, altares tenho;  
 „ Domino os corações, govérno as almas,  
 „ Sou uma deusa, e chamô-me Vaidade.  
 „ Por mim co'a morte, c'os revezes lucha  
 „ O guerreiro no campo;  
 „ E ante o espelho traidor consume os dias  
 „ A bella, que dos annos,  
 „ Ou que da avara natureza os males  
 „ Repara (ou tenta ao menos)  
 „ Com milagrosas aguas,  
 „ Ou com alheias tranças emendá-los;  
 „ Por mim o littérato sobre os livros  
 „ Se affadiga incançavel;  
 „ Por mim nos gestos, no fallar se estuda  
 „ O adorado peralta;  
 „ Por mim vivem contentes, satisfeitos  
 „ Os que menos razão tem de viverem  
 „ E o mago meu podêr se estende a tanto,  
 „ Que entro no seio mesmo aos que me offendem,  
 „ Desprezão, e injurião:  
 „ Por meu influxo nêsse mesmo escripto,  
 „ Em que o sabio me insulta,  
 „ Corrige, e doura o sabio o estylo, a penna,  
 „ Aos louvores armando.  
 „ Eu as suberbas, elevadas cupulas  
 „ Ergo de viôs palacios;  
 „ E até na estancia gelida da morte,  
 „ Nas mentirosas lapidas  
 „ Lavro pomposas lettras.  
 „ Que ao enganado porvir levão memorias  
 „ De parvos, de maus reis, santões *Tartufos*,  
 „ De tonsuradas bêstas.  
 „ Eu em certa famosa academia  
 „ As charamellas tanjo,  
 „ As conclusões defendo,  
 „ Em Wandalo Latim perero ás turbas,

- Tufo a brilhante borla,  
,, Com que as caveiras jumentaes adórno.  
,, Em fim até d'amor perturbo o imperio:  
,, Por mim por meus au picios  
,, A parvoa chusma de gzans mais parvos,  
,, Dos fofos petimétres;  
,, Ja do sexo gentil não quer favores;  
Sobejão-lhe apparencias;  
" E indifferentes no gôso, e na ventura  
" Basta que o mundo as tenha por felizes.  
" Por mim a dama desdenhosa, e bella  
" Ja não procura amantes,  
" Nem de Venus suavissimos deleites;  
" Mas o gaudio maior, mais lisongeiro  
" De que as outras a creião  
" Cercada de servis adoradores,  
" De humildosos escravos,  
" Que se riem do incenso, e pavonadas,  
" Que de torto, e través lhe impingem sempre,

Ia por diante, mas o deus zangado,  
Furioso a interrompe.

AMOR.

- " Basta: o numen d'amor sou eu: não entra  
" Tam facil em meu reino  
" Teu sacrilego pé: sobejas vezes  
" De muitos corações tenho extirpado  
" Teu petulante vicio.  
" Em vão esse Hymineu, que deus se chama,  
" E igual a mim se inculca,  
" Ousa pleitar commigo:  
" Os nós lhe quebro, que appellida sanctos,  
" E em seu templo introduzo  
" No mais secreto delle  
" Quem me apraz, quem me segue, e quem eu quero.  
" Por mim se igualão desvairadas sortes.

- " E as baixas condições unô ás mais altas.  
" Lydia, a orgulhosa Lydia,  
" Que a ladainha das avós empurra  
" A todo o instante, e a todos,  
" Lydia, que nunca ri. . . C'um tiro as pompas;  
" E as sombras dos avós lhe desfiz n'alma :  
" Puni-a fi-la escrava,  
" Fi-la escrava. . . E de quem! Do seu L. . . .  
" Togas, aureos bastões, borlas, espadas,  
" Mytras, coroa's, toucas, e capuzes,  
" Tudo, tudo me ob'dece.

Desdenhosa, e sorrindo, ouvia a deusa;  
E com tom de ironia assim responde.

#### A VAIDADE.

- „ Pois bem : assim será : não posso nada  
„ No coração das bellas  
„ Não se explica por mim seu vário peito.  
„ Isso, que o mundo por *capricho* entende,  
„ Que em sua alma domina,  
„ Dize-me, o que é? Será sem causa o effeito?  
„ Suas obras tam variaveis, tam confusas,  
„ Com que os amantes pasmão,  
„ Não as decifro eu só, de mim não partem? „

Esquentou-se a questão; de novo os deuses  
Pro, e contra razões allegão, mostrão.  
E' cabeçudo amor, ella teimosa;  
Não acabárão nunca,  
Ficarião na mesma,  
Se o meio de findar contendas tantas  
Não accordasse á deusa.

„ Prescindamos (clamou) de vans palavras,  
 „ Argumentos deixemos.  
 „ Vamos a factos, e de nossas armas  
 „ Façamos experiencia „

Sahia a ponto do vizinho bosque  
 Pastorella innocente;  
 Alma inda nova, coração singello  
 No simples do vestido,  
 No mal composto dos cabellos louros  
 De sobejo mostrava;  
 E por tanto ao pintar para a exp'riencia.  
 Consentem ambos em provar na bella,  
 E timida pastora  
 O podèr de suas armas.  
 Jurou amor de dar-se por vencido,  
 Se a deusa de seus ferros  
 Podesse defendê-la.  
 Com lisongeiro, placido semblante,  
 E com doces palavras,  
 Tomando-a pela mão, a affaga a deusa.  
 Pungente frexa amor embebe no arco,  
 E mostrando-lhe a um tempo  
 Joven pastor gentil, formoso, e bello,  
 O tiro lhe dispara.  
 Voa a seta fatal: mas no momento,  
 Em que lhe toca o peito,  
 Subito a deusa aos olhos lhe appresenta  
 No mesmo instante crystalino espelho.  
 Pasmada, absorta, extasiada, e fixa  
 A simplice donzella  
 Seu gentil parecer contempla immovel.  
 Nem um só volver d'olhos para o bello  
 Mancebo lhe escapou.

Surriu-se a deusa, e amor de envergonhado,  
 De corrido, fugiu.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

